



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

MÔNICA FERNANDA DOS SANTOS DIAS

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS
ADOTADOS EM PERNAMBUCO: REFLEXÕES EM TORNO DA PROPOSTA
CURRICULAR

RECIFE

2024

MÔNICA FERNANDA DOS SANTOS DIAS

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS
ADOTADOS EM PERNAMBUCO: REFLEXÕES EM TORNO DA PROPOSTA
CURRICULAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos Interdisciplinares da Linguagem

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares da Linguagem
Linha de pesquisa: Análises linguísticas, textuais, discursivas e enunciativas

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Roberta Tavares Silva

RECIFE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Ana Catarina Macêdo – CRB-4 1781

D541t Dias, Mônica Fernanda dos Santos.

O tratamento da variação linguística em livros didáticos adotados em Pernambuco: reflexões em torno da proposta curricular / Mônica Fernanda dos Santos Dias. – Recife, 2024.

102 f.; il.

Orientador(a): Claudia Roberta Tavares Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTEC, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências.

1. Linguagem e línguas - Variação. 2. Sociolinguística . 3. Livros didáticos. 4. Educação - Pernambuco I. Silva, Claudia Roberta Tavares, orient. II. Título

CDD 470

MÔNICA FERNANDA DOS SANTOS DIAS

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS
ADOTADOS EM PERNAMBUCO: REFLEXÕES EM TORNO DA PROPOSTA
CURRICULAR**

Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito à obtenção do grau de Mestra, pelo
Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Linguagem, da Universidade Federal Rural de
Pernambuco, à seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Profa. Dra. Mirian Santos de Cerqueira (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Goiás - UFG

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim (Examinadora Interna)
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Recife-PE, 30 de agosto de 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida e por me manter sempre forte e persistente para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais e irmão, que são alicerces em minha vida e que vibram a cada conquista.

A minha querida orientadora Dra. Claudia Roberta Tavares, minha admiração pelo ser humano iluminado, pela excelente professora e orientadora, por seus ensinamentos, horas de dedicação para que minha pesquisa fosse concluída no prazo estabelecido. Uma orientadora singular em minha trajetória. Foi uma honra ser sua orientanda, muito obrigada por ter me aceitado.

A todos os docentes da Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRPE que contribuíram para cada conhecimento compartilhado.

A todos docentes que fizeram parte da minha vida acadêmica, em especial à professora Dra. Irandé Antunes, que foi minha orientadora na Especialização e despertou em mim o desejo do conhecimento da Sociolinguística, à professora Rosemary Fraga, que muito contribuiu na Graduação com todos os ensinamentos e a tia France, minha professora da 4ª série, que deixou marcas douradoras em minha vida, obrigada pelos ensinamentos e pelo carinho até hoje.

Ao meu amigo Mestre Rosemberg Nascimento, que sempre acreditou que este sonho seria possível e não mediu esforços para me ajudar.

Aos meus amigos em especial a: Cristiane Miguel, Risoneide Pessoa, Marcone José, Iara Patrícia que não mediram esforços, sempre me incentivando com muita empatia e compreensão ao longo de todo processo.

À banca de qualificação, que muito contribuiu com aportes teóricos para a produção do texto final.

Aos colegas da Pós-graduação: Erivaldo, Viviane, Alícia e Layanne que, mesmo distantes fisicamente, nos momentos de estudos e de aflição estavam sempre presentes e prontos para ouvir, ajudar, ensinar e torcer uns pelos outros.

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua (Antunes, 2009, p. 22).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o tratamento da variação linguística como objeto do conhecimento em quatro coleções de livros didáticos aprovadas pelo PNLD 2020 para o triênio 2023, adotadas em Pernambuco e que correspondem às quatro esferas de ensino: município, estado, colégio de aplicação e instituição privada, fazendo uma reflexão em torno da proposta curricular do Ensino Fundamental II. O objeto de pesquisa foi pensado com base nas indagações ao longo da minha atuação como professora de Língua Portuguesa sobre a abordagem do tratamento da variação linguística no livro didático. O referencial teórico utilizado nesta pesquisa se baseia nos estudos da Sociolinguística (Labov, ([1972]2008), mais especificamente da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004; Bagno, 2007). Salientamos a importância dessa teoria na promoção de uma prática fundamentada na pedagogia da variação linguística de efetiva valorização das diferentes variedades e formas de uso existentes do português brasileiro como língua materna. Para este estudo, adotamos o procedimento de análise documental de caráter qualitativo/interpretativo por ser um método mais adequado que atende ao objetivo da pesquisa. Os resultados apontam que o tratamento da variação linguística nos livros didáticos analisados recebe pouco aprofundamento, e, de forma superficial, a temática não atende satisfatoriamente ao que está previsto pela proposta curricular. Na coleção destinada ao município, a temática é tratada como objeto do conhecimento no 6º ano e no 9º ano; na coleção destinada à rede estadual, apenas no 7º ano e no 9º ano; na coleção destinada ao colégio de aplicação e à rede privada de ensino, é contemplada apenas no 6º ano e no 9º ano. Desse modo, a expectativa é de que este trabalho contribua para as discussões sobre variação linguística no contexto escolar pernambucano, tomando como ponto de partida que a língua não é homogênea.

Palavras-chave: Variação linguística, sociolinguística educacional, livro didático, Pernambuco.

ABSTRACT

This research aims to analyze the treatment of linguistic variation as knowledge object in four collections of textbooks approved by the PNLD 2020 for the triennium 2023, adopted in Pernambuco that correspond to the four spheres of teaching: municipal school, state school, Application and private school, doing a reflection around the curricular proposal of basic education II. The object of research was thought with base in the inquiries during my performance through the guiding documents from as Portuguese teacher about the approach of treatment of linguistic variation in the notebooks. The theoretical reference used in this research is based on the studies of Sociolinguistics (Labov, ([1972]2008)), more specifically, of Educational Sociolinguistics (Bortoni-Ricardo, 2004; Bagno, 2007). We emphasize the importance of this theory in promoting a practice based on the pedagogy of linguistic variation of effective appreciation of the different varieties and forms of use existing of Brazilian Portuguese as mother tongue. For this study, we have adopted the procedure of document analysis of a qualitative/interpretative character as being a more appropriate method that meets the purpose of the research. So far, the preliminary results point out that the treatment of linguistic variation didactic books analyzed, receives little in-depth, not satisfyingly addressing what is envisaged by the curricular proposal. In the collection destined for the municipality, the theme is treated as the object of knowledge in the 6th and 9th years, and in the collection dedicated to the state network only in the 7th and 9th years, the collection for the application school and the private school, it will be treated only for 6th and 9th years. Therefore, the expectation is that this work contribute to the discussions on linguistic variation in the school contexts in Pernambuco, taking as a starting point that language is not homogeneous.

Keywords: Linguistic variation. educational sociolinguistics. didactic book, Pernambuco.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Capas dos quatro volumes da Coleção Apoema	57
Figura 02 – Caleidoscópio: A língua portuguesa no mundo	58
Figura 03 – Caleidoscópio: A língua portuguesa no mundo	59
Figura 04 – Variação linguística: registros formal e informal na modalidade escrita ...	60
Figura 05 – Capas dos quatro volumes da Coleção Geração Alpha	61
Figura 06 – Variação linguística e variedades regionais	63
Figura 07 – Variação linguística e regional na música	64
Figura 08 – Variação linguística e caracterização dos personagens	65
Figura 09 – Concordância verbal e variação linguística	67
Figura 10 – Regência verbal: norma e variações	68
Figura 11 – Regência verbal: norma e variações	69
Figura 12 – Capas dos quatros volumes da Coleção Se liga na língua	70
Figura 13 – Capítulo introdutório sobre variação linguística	72
Figura 14 – Atividade sobre variação linguística	74
Figura 15 – Gêneros textuais e variação linguística	75
Figura 16 – Atividade de variação linguística	76
Figura 17 – Atividade de variação linguística com o gênero canção	78
Figura 18 – Atividades com gírias	80
Figura 19 – Atividade com tirinha	81
Figura 20 – Um trecho da transcrição de debate	82
Figura 21 – Atividade sobre o trecho da transcrição de debate	83
Figura 22 – <i>Meme</i>	85
Figura 23 – Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha	86
Figura 24 – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)	87
Figura 25 – Atividade com tirinha com emprego de gírias	88
Figura 26 – Trecho de reportagem	89
Figura 27 – Conceito de Quimbundo e Tupi-guarani	90
Figura 28 – Texto sobre a saúde e a prática esportiva	90
Figura 29 – Definição de Estrangeirismo	91

SUMÁRIO

1 PALAVRAS INICIAIS	14
2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO	22
2.1 TEORIA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	22
2.2 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL	30
2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
2.3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	33
2.3.2 O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	33
2.3.3 PROCEDIMENTO DA ANÁLISE DE PESQUISA	35
3 O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS	
DOCUMENTOS NORMATIVOS DA EDUCAÇÃO	36
3.1 O TRATAMENTO DADO AO ENSINO DA VARIAÇÃO SOB A ÓTICA DOS	
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	36
3.2 O TRATAMENTO DADO AO ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	
SOB A ÓTICA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR	41
3.3 A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS DESCRITORES DAS	
MATRIZES DE REFERÊNCIA: SAEB E SAEPE	46
3.4 A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO COMO MATERIAL PEDAGÓGICO	
AO TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	48
4 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICO: EVIDÊNCIAS DE LIMITAÇÕES	
REFERENTES À ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	55
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	55
4.2 APRESENTAÇÃO DAS COLEÇÕES	58
4.2.1 COLEÇÃO <i>APOEMA</i>	58
4.2.1.1 ANÁLISE DA COLEÇÃO	59
4.2.2 COLEÇÃO <i>GERAÇÃO ALPHA</i>	62
4.2.2.1 ANÁLISE DA COLEÇÃO	63
4.2.3 COLEÇÃO <i>SE LIGA NA LÍNGUA</i>	71
4.2.3.1 ANÁLISE DA COLEÇÃO.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

Capítulo 1

PALAVRAS INICIAIS

A Sociolinguística entende que língua e variação são indissociáveis (Labov, [1972]2008) e trata a diversidade linguística como algo natural, visto que todas as línguas variam e mudam ao longo do tempo.

Dessa forma, podemos afirmar que a língua não é homogênea, pois apresenta variações devido a constantes transformações culturais, sociais e políticas, além de apresentar crenças, ideias, valores e costumes. Segundo Bagno (1999, p. 68), “[...] nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo”.

Tomando como base o território brasileiro e as diferenças que cada região possui culturalmente, estudos têm sido feitos para compreender a constituição do mosaico sociolinguístico do Brasil, a exemplo dos resultados advindos do projeto nacional *Atlas Linguístico do Brasil*, criado em 1996 sob a coordenação da professora Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso que permaneceu até o ano de 2018, atualmente existe um comitê nacional que dirige e coordena todas as atividades do projeto, esse comitê é formado por uma diretora presidente que é a professora Jacyra Mota e por uma diretora executiva, a professora Silvana Soares Costa Ribeiro ambas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e por 13 diretores científicos, os professores: Abdelhak Razky da Universidade Federal do Pará / Universidade de Brasília, Alcides Fernandes de Lima da Universidade Federal do Pará e Aparecida Negri Isquerdo da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Conceição de Maria de Araújo Ramos da Universidade Federal do Maranhão, Fabiane Cristina Altino da Universidade Estadual de Londrina, Felicio Wessling Margotti da Universidade Federal de Santa Catarina, José de Ribamar Mendes Bezerra da Universidade Federal do Maranhão, Marcela Moura Torres Paim da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Maria do Socorro Aragão da Universidade Federal do Ceará, Marilúcia Barros de Oliveira da Universidade Federal do Pará, Regiane Coelho Pereira Reis da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Valter Pereira Romano da Universidade Federal de Santa Catarina e Vanderci de Andrade Aguilera da Universidade Estadual de Londrina. O objetivo do projeto é descrever a realidade linguística no Brasil, assim como contribuir para a construção desse mosaico, inscrevendo-se, portanto, como uma ferramenta adicional para compreender a diversidade linguística em várias regiões brasileiras, fornecendo dados essenciais, por exemplo, para educadores e linguistas.

A partir do pressuposto referente à heterogeneidade linguística, debruçamo-nos em um dos desafios da educação brasileira: levar o aluno à reflexão sobre sua língua materna num processo social e dinâmico, sem desprezar as variedades que fazem parte dessa língua. Tal pensamento considera que existem diferentes normas linguísticas no interior dessas variedades, não existindo apenas uma única norma preconizada pelos manuais de gramática considerada um modelo “ideal” de língua, caracterizada por muitos estudiosos como norma-padrão ou norma de maior prestígio:

[a norma de prestígio] é a norma tradicionalmente ensinada pela escola, embora hoje se pense que a função do organismo escolar não seja substituir no aluno a norma popular que ele já traz com sua linguagem falada, pelos modelos da norma culta, mas sim de mostrar-lhe que ambas podem coexistir e ser utilizadas na comunicação, conforme as circunstâncias (Preti, 1982, p. 54).

O objetivo é, portanto, refletir com os alunos sobre os múltiplos usos da língua em diferentes contextos comunicativos. As escolas devem disponibilizar aos alunos ferramentas que permitam compreender a língua como heterogênea e respeitar as adequações linguísticas de forma consciente e eficaz, em vez de impor uma única norma linguística em detrimento de outras.

Ao valorizar os diferentes usos da língua na sociedade, a escola promove incentivo à inclusão e ao respeito pelas variações linguísticas e culturais dos estudantes, criando um ambiente educacional mais acolhedor e respeitoso. Assim, a escola não tem como único objetivo mudar a norma popular pela norma culta, mas sim promover a convivência e o uso adequado de diferentes formas da língua, preparando os alunos para se expressarem, na modalidade oral e escrita, de forma adequada na sociedade. Nesse sentido, a abordagem da variação linguística deve ser contemplada desde a Educação Básica Escolar, não se sustentando, assim, o preconceito linguístico baseado

[...] na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente” [...] (Bagno, 2007, p. 38).

A ideia de que só existe uma única forma “correta” da língua portuguesa, aquela ensinada nas escolas e descrita nas gramáticas e dicionários, reflete uma visão que desconsidera a diversidade presente em uma comunidade linguística. Sob essa perspectiva, qualquer manifestação que escape da norma padrão é considerada como errada e/ou feia, perpetuando assim o preconceito linguístico em relação às variedades linguísticas não normatizadas.

O preconceito linguístico surge quando uma determinada variedade linguística é estigmatizada e degradada em relação à norma padrão, o que pode levar à discriminação e à exclusão social dos seus falantes.

Além disso, abordar a variação linguística na escola serve como ferramenta pedagógica adicional para que o educando desenvolva e amplie sua formação no exercício da cidadania ao levar em consideração diferentes práticas sociais que se utilizam dos múltiplos usos da língua.

Ao longo dos anos, percebemos que o tema da variação linguística vem se destacando na educação brasileira, sobretudo a partir da década de 90, especificamente em 1997, com a elaboração dos parâmetros trazendo uma nova concepção de língua, escrita e leitura sendo abordada nos livros didáticos, nos documentos norteadores e consequentemente nos currículos. Um desses documentos é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que aponta a variação linguística como um dos objetivos específicos de língua portuguesa para a Educação Básica:

Compreender que a variação linguística é um fenômeno que constitui a linguagem, reconhecendo as relações de poder e as formas de dominação e preconceito que se fazem na e pela linguagem e refletindo sobre as relações entre fala e escrita em diferentes gêneros, assim como reconhecer e utilizar estratégias de marcação do nível de formalidade dos textos em suas produções (Brasil, 2016, p.98).

Além da BNCC contemplar a variação linguística como um dos objetivos específicos do componente de língua portuguesa, há um reconhecimento da temática enquanto fenômeno inerente à língua. O documento evidencia a relação entre fala e escrita em diferentes gêneros, relacionando a adequação da língua ao contexto comunicativo, visando assim à ampliação da competência comunicativa, além de ressaltar as relações de poder, dominação e preconceito que se instauram através da língua.

O professor de língua portuguesa, portanto, deve oportunizar, em sua prática docente, uma reflexão sobre os múltiplos usos da língua, permitindo ao aluno (re)conhecer as variantes linguísticas e as variedades que compõem a variedade brasileira do português; em outras palavras, o português brasileiro (PB):

Cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de uma outra forma de falar o dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social, etc. Isso porque é preciso romper o bloqueio de acesso ao poder e a linguagem é um de seus caminhos (Geraldi, 1996, p. 163).

De acordo com Bagno, “as atitudes de um docente em sala de aula quanto ao tratamento dado a fenômenos da variação linguística podem exercer uma grande influência no comportamento de seus alunos” (Bagno, 2007, p. 07). Sabe-se que o livro didático é um material muito importante de apoio aos professores e alunos. Sobre essa ideia, Bunzen (2014, p.206) define o livro didático como “um material que foi pensado intencionalmente para o uso em situações escolares coletivas (nas salas de aula) ou individuais (em casa)”. Em muitas situações, o livro didático é o único recurso disponível para o professor e para o aluno, e muitas vezes ainda visto como o “correto” e único a ser seguido. O livro didático é o instrumento de transmissão do discurso entre os documentos oficiais à prática educativa, é a ferramenta de aproximação entre o professor e o aluno na sala de aula. Entretanto, os conteúdos presentes nos livros didáticos muitas vezes são apresentados de forma limitada e resumida, sem maior aprofundamento de conteúdo, com isso o livro didático se torna um material com lacunas que muitas vezes dialoga de forma parcial com os documentos oficiais, fazendo com que determinada temática não seja explorada como deveria ser.

Estudos feitos em diferentes regiões do Brasil sobre o tratamento da variação linguística em livros e outros materiais didáticos apontam que, o tratamento da variação linguística é visto de forma muito limitada e superficial nos livros didáticos e nas aulas de língua portuguesa. É preciso um olhar mais pautado nos postulados sociolinguísticos e variacionistas a fim de mudar a realidade das aulas de língua materna, uma vez que trabalhar com a sociolinguística implica ampliar o repertório linguístico do estudante expandindo sua competência comunicativa aos diversos contextos. Diante do que foi pesquisado, observamos que muitos trabalhos realizados em diferentes regiões do Brasil apresentam a preocupação com a temática, quase todos com objetivo de analisar o livro didático a respeito do tratamento da variação linguística em sala de aula.

Dentre esses estudos, destacam-se, por exemplo, a Dissertação de Mestrado de Andrade (2023) intitulada: *O tratamento da variação linguística em livros didáticos das séries finais do ensino fundamental*, a Tese de Doutorado intitulada, *Contribuições da Sociolinguística Educacional para materiais de Formação Continuada de Professores de Língua Portuguesa*,

de Dias (2011), a dissertação de Paiva (2023), intitulada *Variação linguística: um desafio no ensino de língua materna*, a Dissertação de Santana (2017), intitulada *A variação linguística no livro didático e na prática docente de língua portuguesa: políticas e ideologias linguísticas* e o artigo de Razky e Feiteiro (2015), publicado na Revista SIGNUM: Estudos Linguísticos intitulada como *Sociolinguística e Livro Didático: uma análise exploratória*.

A pesquisa de Andrade (2023), teve como objetivo analisar o tratamento da variação linguística nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa, especificamente da Coleção *Geração Alpha-Língua Portuguesa, 2ª Edição, 2018*, das séries finais do Fundamental (8º e 9º). A hipótese inicial da pesquisa foi a necessidade de refletir e analisar a importância do trabalho com a variação linguística em sala de aula, de acordo com a proposta didática apresentada pela coleção, como a concepção de língua(gem) adotada, de que forma abordam as normas padrão e não-padrão, se tratam em seus conteúdos dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos, e se estes materiais utilizam em seus textos e atividades, os gêneros orais e escritos com casos concretos de uso no português brasileiro. Para isso, foi realizada observações e diferenças existentes na língua, sobretudo o que se apresenta nos Livros Didáticos, doravante LD, uma vez que também pelos PCN, eles são considerados um dos materiais com mais influência/suporte na prática do ensino brasileiro de português (BRASIL,1998). Os resultados demonstraram que os livros didáticos 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental, mesmo com amplos estudos sobre a sociolinguística (teoria variacionista), esta temática ainda é tratada superficialmente, apesar da flexibilidade, evolução e transitoriedade da língua e das comunidades de fala em que os próprios alunos estão inseridos. O diferencial deste trabalho é que, a partir do aparato teórico da Sociolinguística e análise do livro didático, a autora propôs um caderno pedagógico cuja proposta tratou de atividades vinculadas à variação linguística, permitindo que o aluno consiga ampliar sua competência comunicativa a partir do (re) conhecimento e valorização de formas linguísticas variáveis. Nesse caderno, são propostos aos docentes o planejamento de oficinas, além da sugestão de outras atividades.

Por sua vez, a investigação de Dias (2011), objetiva-se para analisar o tratamento de questões sociolinguísticas educacionais nos materiais e documentos da área de Linguagem da Rede de Formação Continuada de Professores da Educação Básica (ex.: documentos que compõem Programas como o Gestar e o Pró-Letramento). Para tanto, foram analisadas as concepções de língua e linguagem presentes nestes materiais de formação continuada de professores, e os aspectos sociolinguísticos voltados à discussão em torno da noção de “certo” e “errado”, da *variação e mudança linguística e do preconceito linguístico*. O questionamento

inicial da autora é se os professores estão preparados para trabalhar este tema em sala de aula, diante o material utilizado em formação. O resultado da pesquisa foi evidenciado que, a variabilidade nos fenômenos gramaticais foi encontrada em 50% dos materiais analisados, com isso, a autora destaca que nenhum material apresentou a variação nos fenômenos gramaticais como “erro” ou propor a “adequação à norma padrão”, considerando um resultado satisfatório. Diante do material analisado, mais de 50% apresentaram a diversidade de gêneros textuais entre a fala mais espontânea e a escrita mais formal.

O trabalho de Paiva (2023) buscou uma reflexão sobre a variação linguística na sala de aula, assim como a concepção que o professor tem de língua/linguagem e o que isso implica no ensino de língua materna. A hipótese inicial da autora é como lidar com a diversidade da língua no ensino de língua materna em sala de aula. Para tanto, a autora desenvolveu a pesquisa com alunos e alunas do 7º ano do Ensino Fundamental da escola pública Noêmia Kuester Pisani Gerulis, Distrito de Pederneiras, São Paulo. Com esta pesquisa ação, a autora pretende desenvolver no aluno e aluna uma consciência linguística em sua própria realidade escolar, por meio da análise de material audiovisual e de textos, levando-o (a) a refletir sobre os fenômenos linguísticos e suas relações na apropriação do seu conhecimento. Como resultado, a autora pontuou o desenvolvimento da consciência linguística nos educandos a partir do gênero textual resenha que corroborou significativamente, uma vez que os discentes puderam expor, além do assunto central da história do filme, as suas impressões pessoais e colaboração para a escolha dos leitores, que possam se interessar pela obra.

Outra pesquisa de mestrado, que também colabora com este estudo, é o trabalho de Santana (2017), que tem o intuito de identificar e analisar as ideologias e políticas linguísticas no ensino de língua portuguesa no que se refere à questão da heterogeneidade/variação linguística. Para isso, foi realizada uma pesquisa de cunho etnográfico, com observação e gravação de aulas, anotações, diário de campo e entrevistas, para poder compreender as ideologias linguísticas e políticas linguísticas para o ensino da língua portuguesa. O trabalho de campo foi realizado em duas turmas do 6º ano em uma escola urbana no centro da cidade de Castro/PR. Como resultado, a autora apresenta que nas aulas observadas, a ideologia da padronização está fortemente presente nas salas de aulas, e que as políticas linguísticas efetuadas pelo/a docente levam à valorização da norma-padrão e das variedades de prestígio. Ressaltam ainda que, os documentos oficiais privilegiam a cultura do monolinguismo, e o livro didático também o faz.

O trabalho de Razky e Feiteiro (2015), tem por objetivo analisar o tratamento da variação linguística nos livros didáticos de português do Ensino Médio e suscitar uma reflexão dos conceitos de ‘certo’ e ‘errado’, variação linguística, mudança linguística e preconceito linguístico. Para isto, os autores analisam se o livro didático discute a variação linguística, compreendendo-a como resultado de uma diversidade de fatores socioculturais de uma comunidade linguística. Para a análise, os autores escolheram uma coleção de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, elaborada por Carlos Alberto Faraco, aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2015). Nos resultados, foi verificado que a elaboração atual, na referida coleção, destaca uma preocupação em incorporar os estudos linguísticos à heterogeneidade e diversidade linguística, fundamentados pela sociolinguística.

Em consonância com a breve contextualização de estudos realizados, percebemos a importância de a variação linguística ser abordada em sala de aula, seja por meio de livros didáticos e/ou materiais complementares utilizados pelo professor, a fim de ampliar a competência comunicativa e sociolinguística dos discentes, levando-os não só ao (re) conhecimento e valorização das formas linguísticas variáveis, mas também à adequação do uso dessas formas em diferentes contextos. Com base nisso, este estudo pretende analisar o tratamento da variação linguística em quatro coleções de livros didáticos adotados em Pernambuco e que correspondem às quatro esferas de ensino, a saber: rede estadual, rede municipal, colégio de aplicação e escola particular, que foram aprovados pelo PNLD 2020-2023, fazendo uma reflexão em torno da proposta curricular do Ensino Fundamental. O objeto de pesquisa foi pensado com base nas indagações ao longo da minha atuação como professora de Língua Portuguesa do Ensino Básico e como participante da construção do Currículo de Pernambuco. Desse modo, a expectativa é de que este trabalho contribua para as discussões sobre variação linguística no contexto escolar pernambucano, tomando como ponto de partida que a língua não é homogênea.

Em 2018, fui convidada como professora de língua portuguesa representante municipal do Cabo de Santo Agostinho, para participar das discussões para a construção do Currículo Estadual de Pernambuco. A construção do currículo foi composta por encontros mensais com professores representantes de todos os Municípios do Estado de PE, para discutir as habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com a proposta de ampliá-las e contextualizá-las, para compor o currículo do Estado. Esses encontros contribuíram para a reflexão sobre as habilidades no que se refere ao ensino da variação linguística, tratada como

objeto de conhecimento, como é abordada no documento, e como os livros didáticos apresentam esta temática aos alunos e professores dos anos finais da Educação Básica.

Minha vivência em sala de aula como professora de língua portuguesa nos anos finais também contribuiu para a construção desta pesquisa, pois leciono em um município que recebeu muitas famílias advindas de outros estados à procura de emprego devido à instalação do Porto de Suape, localizado em Suape, no Município do Cabo de Santo Agostinho, e isso me possibilitou o contato com alunos de todos os lugares do Brasil, com culturas diferentes, com uma diversidade linguística, e eu, como mediadora do processo de ensino-aprendizagem, precisei primeiramente explorar os diversos tipos de linguagem existentes no nosso Brasil e trabalhar com a turma a questão das gírias e preconceito linguístico. Entretanto, o livro didático adotado pela rede não apontava nenhuma das habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que se refere à temática.

Outra questão relevante para o desenvolvimento deste estudo foi minha experiência em 2022 como Coordenadora Municipal do Programa Estadual Criança Alfabetizada nos anos iniciais. O material didático complementar deste Programa abordava, em um dos capítulos do Almanaque, o “Nosso jeito de falar” com enfoque no “Pernambuquês”, o que foi muito rico para os alunos dos anos iniciais. Em contrapartida, percebemos que o livro didático não tem esse enfoque na variação linguística regional, tendo em vista que é um material elaborado e disponível para utilização a nível nacional.

Disto isto, a hipótese desta pesquisa se ampara nessas preocupações citadas acima de como é vista a variação linguística enquanto objeto do conhecimento em livros didáticos aprovados pelo PNLD para as aulas de língua portuguesa, diante do que é proposto pelos documentos normativos da Educação Básica.

Para a organização da estrutura desta dissertação, encontra-se dividida em cinco capítulos: (a) o primeiro capítulo pontua as motivações para a pesquisa, a justificativa, assim como o principal objetivo do estudo em tese, que é analisar o tratamento da variação linguística como objeto do conhecimento em coleções de livros didáticos do Ensino Fundamental II adotados em Pernambuco, fazendo uma reflexão sobre a proposta curricular. Para tal, elegemos, como objetivos específicos: verificar o tratamento da variação linguística como objeto do conhecimento em livros didáticos adotados em Pernambuco nas quatro esferas de ensino: rede municipal, rede estadual, colégio de aplicação e escola particular aprovados pelo PNLD para o triênio (2020-2023), analisando e refletindo sobre o tratamento dado à variação linguística apresentado pelos documentos normativos da Educação. (b) o segundo capítulo refere-se à

fundamentação teórica que embasa a análise dos dados e os procedimentos metodológicos adotados, (c) o terceiro capítulo trata sobre o tratamento da variação linguística nos documentos normativos da Educação: Base Nacional Comum Curricular, os Parâmetros Nacionais, o livro didático, as contribuições do PNLD e a abordagem dos descritores das matrizes de referência: SAEB e SAEPE, levando em conta o que está previsto no âmbito da variação linguística, e (d) o quarto capítulo baseia-se na análise dos livros didáticos adotados em Pernambuco em anos finais (6º ao 9º), observando como a variação linguística é abordada, tendo em mente o que propõe a proposta curricular. Por fim, apresentamos as considerações finais que reúnem os resultados e contribuições da pesquisa.

Capítulo 2

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo, discorreremos sobre a Teoria da Sociolinguística Variacionista cujos pressupostos norteiam esta pesquisa (cf. seção 2.1) e, estando nossa atenção voltada ao tratamento dado à variação linguística na escola, a partir dos livros didáticos adotados, centraremos nossa atenção na Sociolinguística Educacional (cf. seção 2.2). Além disso, abordaremos os procedimentos metodológicos adotados (seção 2.3).

2.1. TEORIA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Linguística é a ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua, conforme pensamento de Ferdinand Saussure (1916), considerado o pai da Linguística. Segundo ele, a língua (*langue*) é um sistema fechado, estático e homogêneo, de caráter social, enquanto a fala (*parole*) é individual, variável e heterogênea. Portanto, estando seu foco na imanência da língua, a variabilidade linguística que se observa em distintos contextos comunicativos não é considerada em sua análise. Com essa visão, instaura-se, no início do século XX a corrente linguística estruturalista.

Contrariamente ao pensamento saussuriano, em meados do século XX, surge a virada pragmática cujo enfoque é dado ao estudo da língua nas mais diversas situações de uso. Nesse período, Labov ([1972]2008) propõe uma área de estudos linguísticos cujo objeto de análise é a heterogeneidade linguística, a saber: a Sociolinguística, que estuda as relações entre língua e sociedade, tendo como pressuposto básico de que essa heterogeneidade é ordenada a partir de condicionamentos internos e externos à língua. Seu foco principal é demonstrar como a língua se relaciona com o social, tornando-a passível de variação e mudança.

Vale referirmos que o termo Sociolinguística foi utilizado pela primeira vez por William Bright justamente por pensar em estudos entre língua e sociedade. Porém, quem é considerado o pai da Sociolinguística Variacionista (também denominada Teoria da Variação Linguística) é William Labov que, a partir da década de 1960, consolida esse ramo da linguística por defender a necessidade de se estudar padrões sistemáticos de variação na sociedade.

Em 1963, Labov publica um estudo sobre a variação linguística na Ilha de Martha's Vineyard (Massachusetts), no qual se destaca o papel decisivo de fatores sociais, como condição socioeconômica, idade, sexo, etnia, grau de escolaridade, dentre outros, que interferem no uso da língua. Esse linguista adota o método quantitativo de análise com o objetivo de descobrir como e por que os indivíduos “falam diferente”. Desse modo, a Sociolinguística, ao contrário de correntes teóricas anteriores, considera a língua em estreita relação com a sociedade onde os falantes podem adequar o uso da língua a diferentes contextos reais de comunicação. Nesse sentido, quando falamos para atender a necessidade da situação comunicativa, não se trata de empregarmos uma forma linguística “melhor” do que outra, ou “mais correta”, ou até “mais bonita” do que outra.

Em linhas gerais, a Sociolinguística compreende que língua e variação são indissociáveis e trata a diversidade linguística como algo natural, visto que todas as línguas variam e mudam ao longo do tempo. Para Cunha, Costa e Martelotta (2011, p.20), “língua nenhuma é melhor ou pior que outra, pois todo sistema linguístico tem a capacidade de expressar a cultura do povo que a fala, de forma adequada”. Ainda, de acordo com Hora (2011, p. 99), esse modelo teórico

[...] busca a ordenação da heterogeneidade e considera a variação inerente do sistema linguístico, sistemática, regular e ordenada. Propõe-se explicá-la, descrevê-la, relacionando-a aos contextos social e linguístico. A Teoria da Variação enfatiza a variabilidade e concebe a língua como instrumento de comunicação usado por falantes da comunidade, num sistema de associações comumente aceito entre formas arbitrárias e seus significados.

Nessa perspectiva, a Sociolinguística busca compreender e descrever a heterogeneidade linguística de maneira sistemática e contextualizada, reconhecendo a variabilidade como uma característica central dos sistemas linguísticos e enfatizando a língua como um instrumento de comunicação usado pelos membros de uma comunidade linguística.

Para que a variação linguística ocorra, duas ou mais formas linguísticas devem se alternar em um mesmo contexto comunicativo para se referir a um mesmo estado de coisas, sendo estas denominadas de variantes linguísticas. Em outras palavras, são “maneiras diferentes de dizer a mesma coisa” (Bagno, 2007, p. 57). Ainda, segundo Tarallo (1994 p. 8), “a um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.”. As diversas formas comunicativas precisam ser entendidas e respeitadas pois refletem a riqueza e a complexidade das interações

humanas. A partir deste entendimento, os conceitos de variante padrão, variante de prestígio, variante não-padrão e variante estigmatizada são fundamentais para compreender os fatores sociais e culturais que influenciam o uso da linguagem.

Podemos dizer que as variantes padrão seguem as regras estabelecidas pelos manuais de norma padrão, enquanto as variantes não-padrão divergem dessas regras. Sabemos que a variante padrão não é a mais frequentemente usada na fala cotidiana dos falantes, levando em consideração a diversidade de fatores que influenciam nesta questão, mas ela geralmente é considerada a forma de prestígio. Por outro lado, as variantes não-padrão costumam ser vistas de maneira negativa e os falantes que as utilizam podem ser alvo de críticas gerando assim o preconceito linguístico.

A respeito disto, podemos encontrar pesquisas relacionadas a esta temática como é o caso do trabalho de Camacho intitulado como *Norma culta e variedades linguística* e o trabalho de Bagno no livro *Sete Erros aos Quatro Ventos* (2013). Na pesquisa de Camacho, temos uma reflexão sobre a norma culta e as variedades linguísticas a partir do pressuposto que o modo de falar de um indivíduo revela suas características sociais. A partir desse pressuposto, salientamos que diversidade e variação são essenciais das línguas naturais e com isso, caracterizadas pela variação em todos esses aspectos. Assim, Camacho afirma que “a organização estrutural de uma língua (os sons, a gramática, o léxico) não está rigorosamente associada com homogeneidade; pelo contrário, a variação é uma característica inerente das línguas naturais” (p. 35). Diante da vasta discussão sobre diversidade linguística que derivam das diferenças sociais, as variedades linguísticas surgem dentro de uma sociedade que influencia as interações entre diferentes grupos linguísticos criando um conflito entre a língua que é ensinada na escola que é a variedade-padrão ou normativa com e o dialeto que o aprendiz domina de acordo com sua origem sociocultural. Com isso, o autor afirma que a variedade-padrão “é apenas uma das variedades disponíveis, embora seja a mais prestigiada e, por isso, geralmente a selecionada para o uso em situações formais” (p. 48). Por ser a mais prestigiada, Camacho reitera que:

o objetivo verdadeiro da escola é ensinar a variedade-padrão, mas com nova roupagem: trata-se de criar condições para que as formas de prestígio sejam acrescentadas à variedade que o aluno já domina, o que o habilitaria a selecionar a alternativa mais adequada à situação comunicativa.

Já no livro *o Sete Erros aos Quatro Ventos*, de Bagno (2013), vamos comentar sobre o erro 7 em que o autor trata sobre “norma” e denomina esse erro de “Passar para a norma culta”. O autor afirma que o termo é utilizado entre os falantes de forma errônea quando nos dirigimos a língua e fala, pois, norma é uma lei, dessa forma a língua é imutável e homogênea, que se torna impossível quando se trata de um fator social. Bagno ainda reitera, que a expressão, “variação de prestígio” para designar a variante linguística utilizada pelos livros didáticos, classificando-a dessa maneira por ter sido imposta pelas classes dominantes sobre a classe dominada. Ele ainda enfatiza que, “tenho designado como um mito a ideia de que o domínio da ‘norma culta’ ou da ‘norma padrão’ constitui um fator de ascensão social.

O conceito de variedade linguística (ou dialeto¹) precisa ser também discutido, uma vez que se define como “o modo de falar a língua característico de determinado grupo social ou de determinada região geográfica” (Bagno, 2007, p. 57). O dialeto é considerado uma variedade da língua, de norte ao sul do Brasil temos variação da língua com acentuada diferença que foi influenciada por diversos fatores como a colonização portuguesa, a presença de populações indígenas, a imigração de diferentes povos e a escravidão africana. A exemplo, temos as variedades internas ao Brasil como: o dialeto mineiro (*Sa passado (Sábado passado), ó só pcê vê (olhe só, para você ver)*), dialeto paulista (*meu, da hora (legal), truta (amigo), miar (algo que não deu certo)*), dialeto baiano que foi um dos primeiros dialetos brasileiro, também conhecido como baianês (*Oxe (ô gente), opaió (olhe para aí), buzu (ônibus), mainha (mãe), painho (pai)*), assim como também existem diferentes variedades do português: variedade brasileira, variedade europeia, variedades africanas e variedades asiáticas.

Vale referir ainda que o uso das variantes é decorrente de condicionamentos internos à língua (ex.: fonológicos, morfológicos, sintáticos) e externos a ela (ex.: sexo, nível de escolaridade e classe social). Para Fiorin (2004, p. 125),

Quando se fala em variação é comum fazer referência a Sociolinguística, essa área da ciência da linguagem que procura, basicamente, verificar de que modo fatores de natureza *linguística e extralinguística* estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua – a fonética, a morfologia, a sintaxe e também no seu léxico. A sociolinguística ocupa-se em desvendar a heterogeneidade, ou seja, como a variação se organiza

¹ Variedade da língua; maneira de falar própria de determinado grupo de falantes da língua. Identifica-se por peculiaridades de pronúncia, de vocabulário e de gramática. No sentido tradicional e mais restrito do termo, refere-se ao uso da língua próprio de determinada região (dialeto regional ou geográfico). Em sentido mais amplo e corrente em sociolinguística, o termo se aplica também ao uso da língua que identifica estratos sociais diferentes (dialeto sociais), gerações diferentes (dialeto etários) e sexo diferente (dialeto feminino, dialeto masculino). <https://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/dialeto.htm>

As variantes podem ser verificadas em diferentes tipos de variação, a saber: variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica (Ilari e Basso, 2006; Camacho, 1978).

A variação diacrônica ocorre devido às variações decorrentes das diferentes épocas vividas pelos falantes e a sua capacidade de se adaptar e mudar ao longo do tempo. Pode ser verificada, por exemplo, em documentos antigos e textos literários. Dubois (1988, p. 609), define de variação diacrônica o fenômeno pelo qual, na prática corrente, uma língua não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é em outra época, outro lugar e outro grupo social. Esta definição, portanto, enfatiza a natureza dinâmica da língua.

Ilari e Basso (2006, p. 153), pontuam que a variação diacrônica é evidenciada no processo de gramaticalização, ou seja, "o processo pelo qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais". Por exemplo, é o caso da forma nominal "a gente" que, ao longo do tempo, se gramaticalizou como pronome de primeira pessoa do plural em alternância ao pronome "nós" (ex. *a gente/ nós* canta/cantamos.) Este processo é citado por vários linguistas (Gonçalves, 1987; Castilho, 1995, 1997; Martelotta, Votre e Cezario, 1996; Bittencourt, 1999; Naro e Braga, 2000, dentre outros).

No que se refere à variação diatópica, também conhecida como variação geográfica, corresponde às particularidades do modo de falar de cada região de acordo com suas diferenças sociais e culturais. A variação geográfica compreende "as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países" (Ilari; Basso, 2006, p. 157). Como exemplo dessa variação, há o caso da variação lexical em palavras como "mexerica", "bergamota", "tangerina", usadas, respectivamente, regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, e as duas últimas no Sul do Brasil.

Por sua vez, a variação diastrática é o tipo de variação que ocorre em diferentes grupos sociais, seja por classe, escolaridade, sexo, idade, entre outros, refletindo, portanto, as características sociais dos seus falantes a exemplo de grupos que falam jargões e gírias. Bortoni-Ricardo (2004, p. 57) afirma que:

A variação diastrática se refere às diferenças linguísticas associadas às diversas camadas sociais, como classe social, escolaridade, ocupação, entre outras, que influenciam a maneira como os indivíduos utilizam a língua em diferentes contextos sociais.

Por fim, a variação diamésica compreende as diferenças que se observam entre a língua falada e escrita. Segundo Rojo (2006, p. 17),

A fala se dá de diferentes maneiras em diferentes regiões do país e em vários grupos sociais, mas a escrita elege algumas letras e sinais para representar apenas alguns dos sons destas variedades. Logo, a escrita não é, embora muitos creiam nisto, uma transcrição da fala, não é um código de transcrição.

A fala utiliza uma variedade extensa de sons, ao contrário da escrita, que é regida por convenções e normas específicas, englobando normas de ortografia, pontuação, gramática e estilo. A variação entre fala e escrita é perceptível nas diversas práticas sociais (ou seja, em diferentes gêneros textuais) que se realizam nos mais variados contextos comunicativos. Para compreendermos, é importante que levemos em conta o *continuum* tipológico dessas práticas, tomando por base o que é proposto por Marcuschi (2001, p.41), de que há gêneros típicos da fala e da escrita e aqueles que são mistos por evidenciar aproximações entre a fala e a escrita, não sendo possível adotar uma perspectiva dicotômica entre essas modalidades de uso da língua. Para entender melhor essa relação dicotômica, podemos apontar o fato de que alguns gêneros textuais são orais enquanto outros são escritos, considerando, obviamente, as condições de produção, como, por um lado, a bula de remédio e artigo de jornal, que são escritos; por outro lado, temos noticiário de TV e debate, que utilizam a linguagem falada.

De acordo com Marcuschi (2007, p. 61), “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual, e não da relação dicotômica de dois polos opostos”.

Com base no acima exposto, centraremos nossa atenção a partir de agora no conceito de norma que surgiu, segundo Faraco (2008), nos estudos linguísticos voltados à compreensão da heterogeneidade da língua. Para ele, a norma é definida como “determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala” Faraco (2008, p. 37). Assim, a norma não é sinônimo de regra ou regulamento, mas de “normalidade”, sendo classificada como: norma padrão, norma culta e norma gramatical.

A norma padrão é um modelo idealizado da língua presente nas gramáticas prescritivas, sendo consideradas “erradas” as formas linguísticas que fogem a esse modelo ocasionando o preconceito linguístico:

[...] a norma padrão aparece fora do universo da variação, fora dos usos sociais da língua empiricamente comprováveis. [...] a norma padrão não faz parte da língua, não corresponde a nenhum uso real da língua, construindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata, um discurso sobre língua, uma ideologia linguística, que exerce efetivamente um grande poder simbólico sobre o imaginário dos falantes em geral, mas principalmente sobre os falantes urbanos mais escolarizados. [...] apesar de ser um produto cultural, de natureza diferente das variedades linguísticas efetivamente empregadas pelos falantes, a norma-padrão tem que ser incluída em qualquer estudo sobre as relações entre linguagem e sociedade. (Bago, 2007, p. 106-107)

A norma culta, por sua vez, é definida como

o conjunto de variedades linguísticas efetivamente empregadas pelos falantes urbanos, mais escolarizados e de maior renda econômica, e nelas aparecem muitos usos não previstos na norma-padrão, mas que caracterizam o verdadeiro português brasileiro prestigiado (Bago, 2007, p. 117).

Portanto, norma padrão e norma culta não podem ser confundidas e, para tanto, retomemos as considerações de Lucchesi (2004 p. 64-65):

[...] NORMA PADRÃO e NORMA CULTA: a primeira reuniria as formas contidas e prescritas pelas gramáticas normativas enquanto a segunda, variação linguística e letramento: uma discussão necessária conteria as formas efetivamente depreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados, ou seja, dos falantes com curso superior completo.

A partir desse contraste entre as normas, é importante que o ensino do português brasileiro em sala de aula contemple uma reflexão sobre as diversas normas, tendo em mente que os fenômenos linguísticos variáveis nessa variedade do português não ocorrem aleatoriamente. Com isso, o professor contribuirá para a ampliação da competência comunicativa dos discentes sempre dialogando e refletindo sobre o preconceito linguístico resultante de uma visão reducionista dos gramáticos que usam “a língua como instrumento de dominação, as elites elegem a sua variedade linguística como padrão oficial e exclusivo, discriminando e marginalizando as outras variedades” (Silva, 2012, p. 168-169). Partindo dessa ideia,

Cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de uma outra forma de falar o dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social, etc. Isso porque é preciso romper o bloqueio de acesso ao poder e a linguagem é um de seus caminhos (Geraldi, 1996, p. 163).

Em continuidade aos conceitos dos tipos de normas, há a norma gramatical conceituada por Faraco (2008) como “o conjunto de fenômenos apresentados como cultos por alguns gramáticos”. Ainda segundo Faraco, existe uma “norma culta”, que condena usos linguísticos e impõe outros obsoletos que nem mesmo são abonados pelas gramáticas contemporâneas de referência. A “norma culta” traz uma visão da língua pautada no purismo e na dicotomia certo vs. errado, gerando limitações aos falantes.

Levando em consideração a heterogeneidade da língua é que Labov ([1972] 2008, p. 188) afirma que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Guy (2001) amplia esse conceito e considera que a comunidade de fala se constitui a partir de três critérios: 1) os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; 2) devem ter uma frequência de comunicação alta entre si; 3) devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Ainda para Guy (2001), os limites entre uma comunidade de fala e outra devem ser vistos em termos de diferenças gramaticais e não, simplesmente, em termos de diferenças na frequência de uso de determinada variável.

Diante do exposto, ressaltamos a análise dos livros didáticos nesta pesquisa, quanto ao tratamento da variação linguística enquanto objeto do conhecimento, com isso, percebemos que os livros didáticos apresentam os quatro tipos de variantes linguística, mas não de forma explícita. Percebemos ainda, a ausência, nos livros didáticos, de conceitos como variável, variedade e variante que sabemos que é de suma importância defini-los e diferenciá-los. Os conteúdos foram trabalhados de forma superficial e em capítulos posteriores podemos observar com detalhes a abordagem dos livros didáticos.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

A partir das contribuições dos estudos da Sociolinguística Variacionista, chega-se a uma preocupação com a área da Educação Linguística como necessidade de levar à sala de aula a reflexão sobre a heterogeneidade linguística, sendo, portanto, objetivo da escola

[...] formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade – é oferecer a eles uma verdadeira educação linguística (Bagno, 2002, p. 80).

Voltada a questões relacionadas ao ensino da variação linguística, a Sociolinguística Educacional surge por volta dos anos 80, destacando-se, no Brasil, a professora Stella Maris Bortoni-Ricardo com obras que fundamentam sobre a temática em questão como (*Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula* (2004); *Variação linguística na escola; Nós cheguemos na escola e agora?* (2005); *Sociolinguística em sala de aula* (2009)). De acordo com Bortoni-Ricardo e Freitas (2009, p. 278), o objetivo da Sociolinguística Educacional, “é construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla, à expansão de sua competência comunicativa e à capacidade de desempenhar tarefas escolares cotidianas”. E ainda,

[...] o que a Sociolinguística Educacional faz é buscar respostas para questões educacionais dentro do seu universo da escola. Com isso, ela se envolve em temas consideravelmente mais amplos que se inserem no contexto social maior, conciliando os aspectos micro e macro do processo. E é para esse contexto que a escola deve preparar o indivíduo (Ibid., p. 220).

Diante do exposto, o professor de língua portuguesa precisa centrar sua atenção na compreensão e a reflexão dos múltiplos usos da língua, fazendo com que o aluno perceba que não existe uma forma de falar “certa” ou “errada”, mas sim que as formas linguísticas devem estar adequadas a diferentes contextos de uso. Amparados nessa proposta, os documentos norteadores baseiam-se na perspectiva dessa diversidade de normas linguísticas existentes que precisam ser conhecidas e usadas em situações reais da língua.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN-LP) (Brasil, 1998), por exemplo, propõem um ensino voltado à reflexão sobre o uso da língua e sobre os processos interacionais que envolvem todas e quaisquer realizações efetivadas por meio da linguagem:

a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais (Brasil, 1998, p. 29).

Concordando com essa ideia, é possível concluirmos que, se o professor não levar em consideração as reflexões acerca da heterogeneidade linguística, o ensino do PB ficará centrado em atividades sem contextualização e permeado de preconceito linguístico. A defesa neste trabalho investigativo, portanto, vai na direção do que está previsto nos PCNs (1998, p. 31):

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa... a questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

Dito isso, o ensino-aprendizagem do PB deve priorizar a capacidade dos alunos de fazerem escolhas linguísticas conscientes e adequadas de acordo com as demandas comunicativas do ambiente em que se encontram, promovendo assim uma comunicação mais eficaz e significativa. Partindo ainda do que está previsto, por exemplo, na BNCC, verificaremos adiante se livros didáticos adotados em Pernambuco estão em consonância com o que se defende nos documentos norteadores para o ensino do PB no que diz respeito à heterogeneidade linguística.

Diante da dicotomia entre língua (*langue*) e fala (*parole*), Bortoni propõe algumas questões que facilitam a compreensão a respeito da variação linguística e a trabalhar com metodologias para tratar dessas características sociais, houve o desenvolvimento da Sociolinguística. Bortoni, enquanto precursora da Sociolinguística Educacional começou a trabalhar com a metodologia dos contínuos: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade e letramento e contínuo de monitoração estilística. Com a aplicação desta metodologia, a autora afirma que isso permite não falar certo e errado, bom ou ruim, para evitar essas dicotomias que trazem consigo uma alta dose de preconceito social e ético.

O contínuo de urbanização Bortoni, (2004, p.51) evidencia que é uma linha imaginária que se estende desde os falares rurais até a variedade urbana de prestígio. Segundo Bortoni (2004, p. 51) descreve o contínuo de urbanização como:

Em uma das pontas desta linha, nós imaginamos que estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto da escrita, também chamado de ortografia do padrão correto de pronúncia, também chamado de ortoépia, da composição de dicionários e gramáticas.

De acordo com a ideia de Bortoni (2004) acima, podemos dizer que neste contínuo de urbanização está contido em uma ponta os falares desde o português rural até a outra ponta com as variedades urbanas de prestígio (é aquela que se assemelha a variedade da metrópole). A variedade de prestígio está mais próxima da língua escrita, uma vez que tem mais contato e influência do letramento, ou seja, os domínios que predominam as culturas de letramento estão situados na ponta da urbanização, enquanto na outra ponta só vamos encontrar domínios onde predomina a cultura da oralidade. No espaço entre eles fica uma zona *rurbana*, que Bortoni (2004 p.52) denomina que “são grupos formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais”, que são as classes mais baixas e não alfabetizadas ou semialfabetizadas.

Ainda sobre o contínuo de urbanização, Bortoni (2004) comenta sobre as regras fonológicas que caracterizam o português brasileiro que podem ser classificadas como descontínuas ou graduais.

O traço descontínuo dos falares refere-se a um uso descontinuado nas áreas urbanas, gerando assim uma avaliação negativa, uma estigmatização, quando usados. Já o traço gradual refere-se à perda de fonemas e pode ser encontrada ao longo de todo contínuo.

O contínuo de oralidade e letramento, segundo Bortoni (2004), é a linha imaginária que vai desde a oralidade informal até a fala planejada apoiada num roteiro escrito como um discurso.

O contínuo de monitoração, por sua vez, vai das interações espontâneas até as que são muito planejadas e exigem muita atenção do falante. Monitoração é sinônimo de chamar atenção fatores que levam um falante a monitorar seu estilo: o ambiente, o interlocutor, o tópico da conversa.

Diante do exposto, Bagno (2004) reitera a contribuição de Bortoni (2004) e afirma que “[a] aplicação desse novo modelo em sala de aula representa, sem dúvida, uma promessa de renovação das práticas pedagógicas de educação em língua materna” (Bagno, 2004, p. 10).

2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Adotamos, para este estudo, o procedimento da pesquisa documental de caráter qualitativo/interpretativo. A respeito da análise documental, Laville e Dionne (1999, p. 167) afirmam que “os documentos aportam informação diretamente: os dados estão lá, resta fazer sua triagem, criticá-los, isto é, julgar sua qualidade em função das necessidades da pesquisa”. Com isso, o procedimento para análise da pesquisa é significativo, tendo como base os livros didáticos e os documentos norteadores.

2.3.2 O *CORPUS* DA PESQUISA

Para esta pesquisa, selecionamos o *corpus* composto por quatro coleções de livros didáticos adotados em Pernambuco, correspondendo às quatro esferas de ensino: rede estadual, rede municipal, colégio de aplicação e escola particular, do Ensino Fundamental II, que foram

aprovados pelo PNLD para o triênio 2020-2023. A escolha justifica-se que as propostas dos livros didáticos possam ter um mesmo direcionamento de ensino que atenda a temática, que dialogue com ideias pautadas na sociolinguística educacional e nos documentos que norteiam as propostas para o ensino básico. Enquanto mediadora de língua portuguesa do Ensino Fundamental II, os livros selecionados para a pesquisa estão presentes na educação, como recurso para o ensino língua portuguesa, além de lecionar em um município que há diferentes culturas e costumes, fica evidente a motivação em estudar sobre esses materiais didáticos no que concerne variação linguística. Na pesquisa vale salientar que a ideia é que tenhamos livros didáticos para o Ensino Fundamental II com abordagem semelhante no que concerne o ensino da variação linguística, tendo em vista que foram aprovados pelo PNLD e elaborados à luz da Base Nacional Comum Curricular. São elas:

- **Município:** *Apoema* (anos finais)
- **Estado e Colégio de Aplicação:** *Geração Alfa* (anos finais)
- **Instituição Privada:** *Se liga na Língua* (anos finais)

A coleção *Apoema*, direcionada ao componente de língua portuguesa, da Editora do Brasil, para os anos finais do fundamental II, é uma obra que foi reformulada para atender aos novos conteúdos exigidos pela BNCC, como explicitado na capa do material. A coleção foi elaborada por Lucia Teixeira, que é doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), Silva Maria de Sousa, doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Karla Faria & Nadja Pattresi, doutoras em Estudos da Linguagem pela UFF. Ambos os autores da são pertencentes a região sul e sudeste do Brasil.

A coleção *Geração Alpha* corresponde ao componente curricular de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental II, sendo adotadas em escolas da rede estadual. As autoras são: Cibele Lopresti Costa, doutora em Literatura Portuguesa - Universidade de São Paulo - USP, Greta Nascimento Marchetti, doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e Andressa Munique Paiva, especialista em Língua Portuguesa também pela PUC-SP. Todas as autoras desta coleção são pertencentes da região Sudeste do Brasil.

A Coleção *Se liga na língua* corresponde ao componente de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental II, sendo adotadas em escolas da rede estadual e privada de ensino. Os autores da coleção, se liga na língua são: Cristiane Siniscalchi e Wilton Ormundo,

ambos da região Sudeste. São bacharéis e licenciados em Letras (habilitação Português/Linguística) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Nesta pesquisa vamos trabalhar com capítulos específicos que tratam da variação linguística como objeto de conhecimento para esta etapa de ensino, considerando a diversidade linguística presente no nosso país.

2.3.3 PROCEDIMENTO DA ANÁLISE DE PESQUISA

Durante a análise dos dados, serão observados se os seguintes aspectos relacionados à variação linguística são contemplados:

- a) os conceitos de variação, variedade e normas;
- b) os tipos de variação;
- c) os fenômenos variáveis em diversos níveis de análise linguística (fonético-fonológica, morfológico, sintático);
- d) os múltiplos usos da língua em diferentes gêneros textuais;
- e) os contínuos propostos por Bortoni-Ricardo (2004);
- f) os condicionamentos internos e externos que motivam a variação;
- g) a diversidade linguístico-cultural do Brasil evidenciada pela coexistência de várias línguas nesse país.

Visando verificar se esses aspectos são contemplados nos livros didáticos selecionados, será possível discutirmos se o tratamento dado à variação linguística nesses livros adotados em Pernambuco atende satisfatoriamente ao que está previsto nos documentos norteadores adotados nesse Estado.

Capítulo 3

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS DOCUMENTOS NORMATIVOS DA EDUCAÇÃO

Neste capítulo abordaremos como a variação linguística é tratada nos documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma vez que eles orientam e/ou padronizam os conjuntos de conhecimentos fundamentais e essenciais para o ensino no Brasil. Além de realizarmos essa discussão, vamos discorrer sobre a importância do livro didático, visto que, nesse instrumento pedagógico, a variação linguística deve ser contemplada em atendimento ao que consta nos referidos documentos.

3.1 O TRATAMENTO DADO AO ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SOB A ÓTICA DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) correspondem a um documento para orientar a prática docente que foi elaborado pelo MEC em 1995 e distribuído nacionalmente em 1998.

Nas décadas de 70 e 80, mesmo havendo um crescimento de escolas para a população brasileira, ainda eram altas as taxas de repetência e reprovação nos anos de 1992 e 1998, como apontam as pesquisas no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – Saeb/2001. Alta taxa de reprovação é problema de longa data na educação brasileira (Freitas, 1947; Brandão, Baeta, Rocha, 1983; Costa-Ribeiro, 1991). Diante desse problema, não bastava só oferecer a vaga na escola ao aluno, era preciso também oferecer uma educação de qualidade. Foi a partir dessa preocupação que, em 1996, foi criada a Lei 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em que o poder público assume a responsabilidade sobre a educação básica visando garantir o direito a toda população de ter acesso à educação gratuita e de qualidade. Logo no ano seguinte, foram elaborados os PCN como referencial para uma educação de qualidade em todo país.

Os PCN surgem, de acordo com o próprio documento, para “de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a

necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras” (Brasil, 1998, p. 6), tendo como meta “constituir-se como referência para as discussões curriculares da área – em curso há vários anos em muitos Estados e Municípios – e contribuir com técnicos e professores no processo de revisão e elaboração de propostas didáticas” (Brasil, 1998, p. 13).

Vale dizermos que os PCN não são regras que ditam o que o professor deve ou não fazer em sala de aula, mas trata-se de uma referência para orientar a prática docente em escolas públicas e particulares sobre objetivos, conteúdos e didática por meio da padronização de assuntos fundamentais a serem abordados para a disciplina. Esse documento é organizado em ciclos, e cada ciclo corresponde a dois anos de ensino diferentes para o primeiro e segundo ciclos (equivalentes ao período do 1º ao 5º ano dos anos iniciais) e terceiro e quarto ciclos (equivalentes ao período do 6º ao 9º ano dos anos finais) do Ensino Fundamental. Em todos esses ciclos, a temática da variação linguística está prevista para a sala de aula com o objetivo de diminuir o preconceito linguístico em nossa sociedade.

O caderno do ensino fundamental é dividido em duas partes: a primeira é dedicada à apresentação do componente de língua portuguesa, e a segunda, aos objetivos de ensino específicos, dos conteúdos e das orientações didáticas. Encontramos, na apresentação do componente, o seguinte objetivo dedicado à variação linguística:

conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (Brasil, 1998, p. 7).

Encontramos ainda, na primeira parte, um texto de referência sobre variação linguística em um capítulo do documento intitulado “Que fala cabe à escola ensinar”, evidenciando a importância de se trabalhar as diferentes variantes e variedades linguísticas que compõem o mosaico sociolinguístico do Brasil. A respeito disso, o parâmetro ressalta que a “questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas” (Brasil, 1998, p. 26).

Nas orientações didáticas específicas sobre o conteúdo de variação linguística, o documento afirma que “a Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades” (Brasil, 1998, p. 81), e que o discente, ao ingressar na escola, já conhece alguma variedade por

fazer parte de uma determinada comunidade. Sob essa perspectiva, Pacheco e Ataíde (2013, p. 6) defendem:

Deve-se valorizar o saber que o aluno traz como resultado de suas vivências, de suas visões de mundo e instrumentalizá-lo a partir de várias leituras que vão transpor seu saber comum numa linguagem bem mais elaborada e convencionada nas diferentes esferas sociais para poderem interagir com esses discursos.

É importante valorizar, portanto, o conhecimento existente e as experiências pessoais dos alunos no processo ensino-aprendizagem. Cada aluno traz experiências, vivências e conhecimentos individuais que podem enriquecer muito sua experiência educacional fora da escola. Ao reconhecer e utilizar o conhecimento dos alunos em diversas leituras e interações, os educadores os preparam para se tornarem pessoas engajadas e críticas nas diversas áreas da sociedade, garantindo uma vida cívica plena e comprometida. Dessa forma, a escola precisa ter cuidado para que esse espaço não seja um espaço de discriminação e desrespeito linguístico, advindos do preconceito linguístico. Para tanto, durante o processo ensino-aprendizagem, deve-se promover a reflexão sobre os múltiplos usos da língua em diferentes modalidades, ampliando a competência comunicativa dos discentes através da adequação desses usos a diferentes práticas sociais:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (Brasil, 1998, p. 31).

Essa proposta de ensino-aprendizagem resulta, portanto, da adoção pelos PCN do pressuposto norteador da Teoria da Variação Linguística, conforme discutido no capítulo 2, de que toda língua é heterogênea:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades (Brasil, 1998, p. 29).

No que se refere à parte em que se aborda o tratamento didático dos conteúdos expostos nos PCN, são propostas atividades que possibilitem trabalhar diversos aspectos relacionados à variação linguística. São elas:

- transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala;
- edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita;
- análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas;
- levantamento das marcas de variação linguísticas ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes;
- elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
- estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade em análise;
- comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
- comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
- comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
- comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;
- comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de vulgarização científica);
- análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos;
- análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico;
- análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional (Brasil, 1998, p.82-83).

Essas atividades descritas pelos PCN possibilitam ao professor não só desenvolver habilidades que exploram, por exemplo, a leitura e a escrita, potencializando o objetivo de formar alunos capazes de usar adequadamente a língua em suas diferentes modalidades, como também refletir junto aos discentes sobre o fato de que a língua escrita não é superior à língua

falada por estarem incluídas em um *continuum* tipológico de práticas sociais, conforme proposto por Marcuschi (2001).

É importante salientar a importância do trabalho da Sociolinguística Educacional na perspectiva de Bortoni-Ricardo (2004), no que tange ao processo de formação das variedades rurais e urbanas tornando-se necessária uma reflexão acerca dos contínuos das variedades linguísticas que permite melhor apreender a distribuição social das variedades. Faraco (2007) defende que é necessária uma pedagogia da variação linguística, que a escola deve formar cidadãos consciente linguisticamente e que possibilite que o aluno reflita sobre a língua e seus usos nos diversos contextos sociais. Como afirma, Faraco (2007, p. 134):

Uma pedagogia da variação linguística tem, portanto, entre seus objetivos, garantir que os alunos percebam e entendam a variação linguística; em consequência, sejam capazes de superar criticamente os imaginários da língua única, da língua certa, da língua pura, da língua homogênea; e abandonem, também criticamente, todos os gestos de discriminação e violência simbólica

O documento ainda destaca metas a serem atingidas ao longo do ensino fundamental, tendo em mente a ampliação progressiva dos alunos das competências ligadas à temática de variação linguística, a saber:

- utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
- conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado;
- conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia (Brasil, 1997, p. 33).

Diante do exposto, percebemos que os PCN reconhecem a importância das variedades e dos diferentes registros linguísticos, defendendo um processo ensino-aprendizagem que não se apoia, única e exclusivamente, no ensino da norma padrão prescrita nos manuais gramaticais. Em todo documento, destaca-se a língua como o lugar de interação em diferentes espaços, sendo um dos objetivos do ensino ampliar a competência comunicativa dos discentes nesses espaços, garantindo-lhes não só o exercício de sua cidadania, mas também sua preparação para a vida profissional.

3.2 O TRATAMENTO DADO AO ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SOB A ÓTICA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Conforme consta na Constituição de 1988, já se destaca a educação a serviço do pleno desenvolvimento da pessoa, visando ao seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases determinava que a União firmava um pacto interfederativo, ou seja, um acordo com os vários níveis de governo, para estabelecer competências e diretrizes capazes de orientar os currículos. Em 2014, mais precisamente, o Plano Nacional de Educação reafirmava a necessidade de estabelecer diretrizes pedagógicas para a Educação Básica e de criar uma base Nacional que orientasse os currículos de todas as Unidades da Federação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) resulta, portanto, de um processo que foi construído democraticamente com envolvimento de educadores e sociedade. Até chegar à versão final, o processo foi constituído de várias versões. A primeira versão contou com a participação de 12 milhões de contribuições que apoiaram a segunda versão organizada em debates com 27 seminários, um em cada estado do país. Com isso, essa Base recebeu a contribuição de 9 mil professores e especialistas, a partir da que foi consolidada a versão final entregue ao conselho Nacional de Educação, que discutiu o documento em 5 audiências públicas, sendo uma em cada região do país. Somente, em 2017, a BNCC foi homologada pelo Ministério da Educação (MEC).

A BNCC é um documento norteador obrigatório que serve para orientar estados e municípios na construção do currículo, delineando o conjunto de saberes essenciais para o aprendizado do aluno da educação básica, ou seja, esse documento determina o que deverá ser ensinado a cada etapa e área do conhecimento no processo da escolarização. O próprio documento se define como sendo “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BNCC, 2017, p. 7). Para tanto, encontra-se estruturada em dez competências gerais que têm como finalidade desenvolver, ao longo do processo de escolarização da educação básica, conhecimentos, habilidades e atitudes dos estudantes para uma educação de qualidade. Além disso, é dividida em diferentes áreas de conhecimentos, a saber: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

Na área de Linguagens, nosso foco de atenção nesta dissertação, encontramos o componente de Língua Portuguesa, que compreende o ensino fundamental nos anos finais (do 6º ao 9º ano), estando dividido nas seguintes práticas de linguagens: leitura/escuta, oralidade,

produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica, “por meio [das quais] os sujeitos (inter)agem no mundo e constroem significados coletivos” (BNCC 2016, p. 86).

Essas práticas são divididas em campos de atuação, que apontam para a importância da contextualização de determinados gêneros, práticas, atividades e conteúdo a ser aplicado em contextos significativos para os estudantes. Os campos de atuação do ensino fundamental fomentados pelo documento são: campo da vida cotidiana (somente anos iniciais), campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública. Segundo o documento,

A escolha por esses campos, de um conjunto maior, deu-se por se entender que eles contemplam dimensões formativas importantes de uso da linguagem na escola e fora dela e criam condições para uma formação para a atuação em atividades do dia a dia, no espaço familiar e escolar, uma formação que contempla a produção do conhecimento e a pesquisa; o exercício da cidadania, que envolve, por exemplo, a condição de se inteirar dos fatos do mundo e opinar sobre eles, de poder propor pautas de discussão e soluções de problemas, como forma de vislumbrar formas de atuação na vida pública; uma formação estética, vinculada à experiência de leitura e escrita do texto literário e à compreensão e produção de textos artísticos multissemióticos (BNCC, 2017, p. 84).

Assim,

Compreende-se, então, que a divisão por campos de atuação tem também, no componente Língua Portuguesa, uma função didática de possibilitar a compreensão de que os textos circulam dinamicamente na prática escolar e na vida social, contribuindo para a necessária organização dos saberes sobre a língua e as outras linguagens, nos tempos e espaços escolares (BNCC, 2017, p. 85).

Dentre as dez competências gerais da educação previstas no documento norteador, encontramos uma que se refere, de forma implícita, à variação linguística e ao preconceito linguístico. Essa competência propõe que o professor promova habilidades por meio de atividades, de modo que o aluno valorize e respeite a diversidade social, econômica, política e cultural, aprendendo com outras culturas sem julgá-las:

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes,

identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2017).

Com relação às competências específicas do componente de Língua Portuguesa, encontramos competências que os discentes devem desenvolver no âmbito da reflexão sobre a diversidade linguística, estando, de forma explícita, as seguintes:

- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
- Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (Brasil, 2017).

Podemos perceber que, na competência 1, busca-se a compreensão na concepção de língua entendida como forma de interação e veículo de construção identitária de seus falantes em diversos contextos comunicativos. Na competência 4, enfoca-se que a reflexão sobre a heterogeneidade linguística é necessária ao combate do preconceito linguístico e, na competência 5, contemplam-se as diferentes práticas sociais que se estabelecem através de diferentes modalidades de uso da língua.

Dentre as habilidades propostas para o ensino fundamental nomeadas como essenciais, percebemos que a variação linguística permeia todas as práticas de linguagem inseridas no componente curricular em estudo, contemplando oralidade, leitura, produção e análise linguística.

Na relação entre fala e escrita, o documento evidencia a reflexão das variedades linguísticas em diferentes gêneros, relacionando a adequação da língua ao contexto comunicativo, visando assim à ampliação da competência comunicativa. Além disso, ressalta as relações de poder, dominação e preconceito que se fazem pela linguagem. O documento norteador assegura o trabalho da variação linguística como um dos objetivos da educação básica, que é enfatizada desde a educação infantil até o ensino médio. Para tanto, é preciso que professor de língua portuguesa reflita com seus alunos, por exemplo, sobre diferentes normas linguísticas, diferentes variedades:

[...] cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de uma outra forma de falar o dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social etc. Isso porque é preciso romper o bloqueio de acesso ao poder, e a linguagem é um de seus caminhos (Geraldi, 1996, p. 163).

Cabe apontarmos que, no componente de língua portuguesa, no ensino fundamental, a BNCC não evidencia a centralidade do ensino da gramática normativa, uma vez que se destaca a proposta do ensino voltado para leitura e escrita a partir das práticas dos multiletramentos que atravessam todas as práticas de linguagens, em diferentes campos de atuação do ensino fundamental. O documento demonstra interesse na valorização da experiência do aluno, a partir das práticas sociais que o cercam, em diferentes práticas de linguagem como a oralidade, a fim de que utilizem a comunicação oral cotidiana em diferentes gêneros. A respeito disso,

[...] a língua oral não é uniforme, pois varia em função de diferenças de registros (formais ou informais), de diferenças regionais (relativamente numerosas na vastidão do território nacional), de diferenças sociais (determinadas pelo pertencimento a esta ou àquela camada social) (BNCC, 2017, p. 64).

Ademais, o aluno, enquanto falante da língua, tem habilidade e competência para refletir sobre o uso linguístico, tornando-se um sujeito crítico e reflexivo na sociedade. Para isso, o papel da escola é fundamental, pois a variedade linguística que esse aluno traz da sua vivência precisa ser respeitada e valorizada, sem que lhe seja negada a oportunidade de aprender as variantes de prestígio. Como afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 15):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

As diferenças sociolinguísticas não podem, portanto, ser ignoradas porque as escolas são parte integrante da diversidade linguística e cultural da sociedade. Professores e alunos devem reconhecer que diferentes grupos sociais e culturais utilizam diferentes diferenças linguísticas, incluindo diferenças de pronúncia, vocabulário, gramática e estilo. É uma

expressão natural da diversidade linguística de cada comunidade. Diferentes formas de expressão linguística podem servir a propósitos comunicativos específicos em diferentes contextos sociais e culturais.

Assim, ao identificar e tomar consciência do mosaico sociolinguístico constitutivo da sociedade brasileira, a instituição de ensino tem a capacidade de fomentar uma educação mais inclusiva e respeitosa, preparando os estudantes para apreciar e respeitar a diversidade linguística e cultural presente em seu ambiente.

Em linhas gerais, a BNCC defende um ensino contextualizado de língua na medida em que reconhece que os múltiplos usos da língua atendem a propósitos comunicacionais específicos, o que culmina em diferentes práticas sociais que se estabelecem no *continuum* língua falada e língua escrita. Para tanto, o trabalho com os gêneros textuais é crucial não só para se compreender como a heterogeneidade linguística se estabelece em diversas interações verbais, mas também para combater o preconceito linguístico a partir do respeito à diversidade linguística e à cultura em que se inserem alunos e professores, por exemplo. Sobre a relação entre diversidade linguística e cultura, esse documento menciona o patrimônio linguístico e cultural do Brasil advindo das muitas línguas existentes nesse país:

Ainda em relação à diversidade cultural, cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país — indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. No Brasil com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, oficializou-se também a Língua Brasileira de Sinais (Libras), tornando possível, em âmbito nacional, realizar discussões relacionadas à necessidade do respeito às particularidades linguísticas da comunidade surda e do uso dessa língua nos ambientes escolares. Assim, é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico. Por outro lado, existem muitas línguas ameaçadas de extinção no país e no mundo, o que nos chama a atenção para a correlação entre repertórios culturais e linguísticos, pois o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura (Brasil, 2018, p. 70).

Assim, a citação destaca a extensa diversidade e a quantidade de línguas presentes no Brasil. No entanto, muitas vezes, a maior parte dos brasileiros não tem conhecimento desse patrimônio linguístico e cultural. Além disso, a institucionalização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da Lei nº 10.436/2002 é um passo importante, porque permite o reconhecimento e a valorização da comunidade surda e de sua língua, ao mesmo tempo que abre espaço para discutir a importância do respeito ao uso dessa língua em diferentes espaços.

É fundamental que os ambientes educacionais sejam espaços que favoreçam a valorização e reconheçam as diversas realidades linguísticas, nacionais e internacionais. Além disso, é crucial examinar várias posturas e situações ligadas ao emprego da língua, tais como os estereótipos linguísticos, os quais podem dificultar o reconhecimento e a avaliação positiva de diferentes dialetos. Além disso, é importante estar ciente de que várias línguas correm o risco de desaparecimento, não apenas no Brasil, mas em todas as nações. Sensibilizar os discentes para o exercício do respeito à diversidade linguística e cultural é, portanto, tarefa crucial de uma eficiente Educação Linguística. Para tanto, a BNCC assegura e garante o reconhecimento da diversidade linguístico-cultural do Brasil e propõe atividades voltadas à variação linguística por meio de diferentes práticas de linguagens.

3.3 A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS DESCRITORES DAS MATRIZES DE REFERÊNCIA: SAEB E SAEPE

Para explicitar e contextualizar os descritores das matrizes de referência, é importante entender a implementação do sistema de avaliação de larga escala no Brasil, que remonta ao final da década de 80 do século passado. A Constituição de 1988 ressalta a oficialização do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) pelo MEC como uma medida para avaliar o rendimento escolar no país, sendo uma ferramenta de larga escala para avaliar e melhorar a qualidade da Educação no Brasil, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP). Seu trabalho é fundamental na coleta de dados sobre o ensino básico no país. As habilidades e competências esperadas dos alunos são transmitidas pela matriz de referência, que é derivada dos Parâmetros Nacionais de Aprendizagem (PNA) e alinhadas às recomendações de aprendizagem:

Essas Matrizes têm por referência os Parâmetros Curriculares Nacionais e foram construídas a partir de uma consulta nacional aos currículos propostos pelas Secretarias Estaduais de Educação e por algumas redes municipais. O Inep consultou também professores regentes das redes municipal, estadual e privada e, ainda, examinou os livros didáticos mais utilizados para essas séries, nas citadas redes (Brasil, 2011, p. 17).

Com isso, podemos afirmar que as matrizes de referências estão alinhadas com as práticas educacionais em todo o país. Isso significa que as práticas de sala de aula refletem as diretrizes estabelecidas pelos PCN e são compatíveis com os currículos propostos pelas Secretarias Estaduais de Educação, bem como com os materiais didáticos mais utilizados nas redes de ensino.

O SAEB permite a análise do desempenho dos alunos em diferentes áreas do conhecimento, fornecendo informações importantes para o desenvolvimento de políticas educacionais e ações voltadas para a melhoria da qualidade e equidade do ensino ministrado nas escolas públicas e privadas. Os resultados são divulgados para unidades da federação, regiões e todo Brasil. Quanto a esse processo avaliativo, Gatti (2013, p. 54) enuncia:

Com os resultados obtidos e dados das escolas, dos professores e dos alunos dispunha-se de muitas informações sobre as quais se poderia debruçar, refletir e tirar inferências tanto para políticas dirigidas às redes de ensino como um todo, como para as questões da aprendizagem de alunos nas salas de aula.

As avaliações, portanto, têm o propósito de avaliar a qualidade do ensino em todas as escolas brasileiras. Essa verificação pode oferecer dados essenciais para o desenvolvimento de políticas e para a organização da educação, reconhecendo modelos de rendimento, falhas no aprendizado e pontos de aprimoramento na educação primária. Adicionalmente, a avaliação tem como meta promover a transparência na área educacional e oferecer informações confiáveis para que gestores, professores, familiares e demais interessados possam tomar decisões visando aprimorar a educação nacional. A avaliação atende todo fim do ciclo do ensino fundamental e médio, ou seja, as turmas que passam por essa avaliação são: 5º ano do ensino fundamental I, 9º ano do ensino fundamental II e 3º ano do ensino médio.

A prova do Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco (SAEPE) foi fundada em Pernambuco em 2000 com o propósito de avaliar os estudantes das escolas públicas e estimular aprimoramentos no sistema de ensino público. A avaliação tem sido fundamental para reconhecer as vantagens e desvantagens do sistema de ensino em Pernambuco e ajudar no aprimoramento de medidas públicas e iniciativas educacionais mais eficientes. As avaliações não aferem apenas o que os alunos sabem, mas também como eles usam, examinam, integram e julgam os dados, o que resulta em avaliações mais amplas e contextuais. Isso ocorre porque as avaliações associam os descritores às operações cognitivas.

Os descritores das matrizes de referências SAEB e SAEPE tratam de habilidades básicas consideradas essenciais para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes propostas na BNCC, que reúnem conteúdo e objetivos a serem avaliados nas provas externas ao final de cada ciclo escolar nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Nesta pesquisa, o estudo se baseia apenas no componente curricular de Língua Portuguesa, acerca do qual o entende que os alunos ao final de cada ciclo escolar precisam saber seis eixos estruturantes da língua portuguesa. Para o SAEB, interessam procedimentos de leitura, implicações do suporte do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto, relação entre textos, coesão e coerência no processamento do texto, relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido e variação linguística. Entretanto, para o SAEPE as abordagens são apenas referentes a cinco eixos: procedimentos de leitura, relação entre textos, coesão e coerência no processamento do texto, relações entre recursos expressivos e efeitos de sentidos e variação linguística. Ambas as matrizes de referência tomam como ponto importante o objeto de estudo desta pesquisa, que é a variação linguística enquanto objeto de conhecimento.

O descritor referente à variação linguística de ambas as matrizes é identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto, com isso percebemos que esse descritor contempla de forma mínima e sucinta, os elementos relacionados a variação linguística previstos nos documentos mais recente como é o caso da Base Nacional Comum Curricular, podendo ampliar para descritores que abordem tipos de variação, os fenômenos variáveis (fonético- fonológica, morfológico, sintático), condicionamentos internos e externos que motivam a variação.

3.4 A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO COMO MATERIAL PEDAGÓGICO AO TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.

O livro didático é uma ferramenta de suma importância para a sala de aula, ocupando um papel muitas vezes central, e se tornando um dos materiais essenciais no processo ensino-aprendizagem no contexto escolar. Segundo Oliveira et al. (2004, p. 11), o livro didático é “um material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem e de formação”. De acordo com Luckesi (2004, p. 27), “o livro didático é um meio de comunicação, através do qual o aluno recebe a mensagem escolar”. Esse material

pedagógico contribui, por muitas vezes, como um guia posto para aquele ano/série através do qual o aluno se guia no que concerne aos conteúdos a serem aprendidos, os quais são estruturados e construídos para atenderem à proposta curricular.

Tendo em vista a importância do livro didático no contexto escolar, principalmente das escolas públicas do Brasil, é necessário sabermos os marcos importantes do desenvolvimento dessas obras. Em 1929, o Estado criou um órgão para legislar sobre as políticas do livro didático, o Instituto Nacional do Livro (INL), que contribuiu para dar maior legitimação ao livro didático nacional, auxiliando na sua produção até os dias de hoje, com a publicação do Guia de Livros Didáticos (PNLD/2008), que abrange a distribuição de livros didáticos de todos os componentes curriculares.

A partir da implementação do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) pelo MEC, cada estudante matriculado na rede pública e que esteja cadastrado no Censo Escolar tem direito a receber um exemplar de cada componente curricular, sendo o livro reutilizado, no período de três anos, para que outros alunos dos anos seguintes possam utilizar.

Para o livro didático ser adotado pelas instituições públicas de ensino, há um processo de escolha partindo de análises desde a Secretaria de Educação até os professores. Para o processo de escolha do livro didático, os professores e a equipe pedagógica analisam os livros a serem utilizados no triênio observando se condiz com a realidade sociocultural da escola, se está dialogando com a proposta do projeto político pedagógico da escola. A partir desta análise, a escola apresenta duas opções na escolha das obras para cada ano e disciplina e o material escolhido será único para toda rede de ensino.

Para o processo de escolha do livro didático, seguem-se alguns critérios, que precisam ser únicos para as escolas: cada escola escolhe a coleção que deseja utilizar nas aulas; material único para cada grupo de escolas: conjuntos de escolas se formam para escolher o material e único para todas as escolas da rede: todas as escolas recebem os mesmos livros. Entretanto, antes disso, os exemplares só chegam a essas instituições quando recebem a aprovação do PNLD, sendo uma das exigências para essa aprovação o diálogo com o que está previsto nos documentos norteadores. Após essa aprovação, é distribuído pelo MEC para as instituições públicas, com a finalidade de ser analisado, de modo que cada instituição possa discutir a proposta com os professores em suas formações continuadas, levando em consideração uma análise de forma crítica mais consciente e sistematizada, ressaltando e dialogando sempre com a realidade que permeia cada estado e/ou município. O professor é o responsável por fazer esta

escolha e precisa estar preparado para analisar cada livro didático, pois utilizará o material por três anos e é ele quem conhece as necessidades de seus alunos e a realidade da escola.

Além disso, o livro didático é um recurso com o objetivo de nortear o planejamento do professor, buscando desenvolver estratégias que favoreçam a prática pedagógica, sugerindo caminhos para o processo de ensino-aprendizagem do aluno:

O livro didático desempenha, hoje, na escola, uma função proeminente, seja na delimitação da proposta pedagógica a ser trabalhada em sala de aula, seja como material de apoio ao encaminhamento das atividades de ensino-aprendizagem, seja como suporte (único ou suplementar) disponível de textos para professores e alunos (Costa Val; Marcuschi, 2005, p. 8).

Apesar da importância de todo material de apoio, que é oferecer um recurso adicional para contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, o livro didático é a ferramenta utilizada com mais frequência, principalmente nas aulas de língua portuguesa, em função de auxiliar o professor no ensino de diversas linguagens, letramentos e multiletramentos. Muitas vezes, é o único recurso de informação na escola, mas não se nega a autonomia pedagógica do professor que pode utilizar materiais pedagógicos adicionais em sua prática:

Embora o livro didático seja um recurso importante no processo de ensino-aprendizagem ele não deve ocupar papel dominante nesse processo. Assim, cabe ao professor manter-se atento para que a sua autonomia pedagógica não seja comprometida. Não é demais insistir que, apesar de toda a sua importância, o livro didático não é o único suporte do trabalho pedagógico do professor (Brasil, 2011, p. 19).

O livro didático, portanto, não deve ser o recurso didático central no ensino, destacando a liberdade do professor para trabalhar também com outros materiais pedagógicos por ser o responsável principal pelo planejamento e realização das atividades de ensino na sala de aula. Ter a liberdade de decidir sobre os métodos de ensino, recursos, avaliação e adaptação do currículo é manter sua autonomia pedagógica. Além dos livros didáticos, podem ser usados outros recursos, tais como: audiovisuais, jogos educativos, recursos digitais, visitas a museus e atividades práticas.

Cada turma e cada aluno possuem necessidades e estilos de aprendizagem diferentes. Assim, é fundamental que o docente possua habilidade para ajustar uma forma de ensino de acordo com as particularidades de cada aluno, empregando diferentes estratégias para atender à heterogeneidade da turma na sala de aula. Ao empregar diversos recursos e materiais na sala de aula, o professor promove o crescimento do pensamento crítico e da criatividade nos estudantes. Eles são incentivados a questionar, examinar e ter um pensamento crítico sobre o conteúdo apresentado, tornando-os protagonistas do processo de aprendizagem. Dessa forma, torna-se essencial que os estudantes adquiram capacidades para pesquisar, analisar e empregar diversas fontes de informação de maneira crítica e independente. Em outras palavras, embora o livro didático seja um instrumento que auxilia no processo ensino-aprendizagem, o professor atua como mediador desse processo exercendo sua autonomia e proporcionando aos educandos a ampliação de sua competência comunicativa, levando sempre em conta a relação destes com o meio em que estão inseridos.

Ao mesmo tempo em que temos um material didático-pedagógico, a saber: o livro didático, que auxilia tanto o professor como o aluno, podemos perceber alguns entraves voltados ao trabalho com a variação linguística previsto nos documentos norteadores (cf. subseções 3.1 e 3.2), como o fato de a maioria dos autores dos livros didáticos serem oriundos das regiões sul e sudeste.

A respeito desta temática, pontuamos algumas pesquisas em todas as regiões do Brasil respectivamente: nordeste, centro-oeste, sudeste, sul e norte, que apontam a variação linguística em livros didáticos como objeto a ser investigado. Destacamos a pesquisa de Bonaffini (2021) que apresenta a dissertação intitulada *a variação linguística na bncc e nos livros didáticos do ensino fundamental anos finais: proposta de atividade à luz da pedagogia dos multiletramentos*; A pesquisa de Coelho (2007) com o título *a variação linguística na bncc e nos livros didáticos do ensino fundamental anos finais: proposta de atividade à luz da pedagogia dos multiletramentos*; A pesquisa de Cardoso (2021) *variação linguística no livro didático: uma análise pelo viés da sociolinguística*; O artigo de Corbari e Pimentel (2018) *O tratamento da variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental* e a pesquisa de Queiroz (2018) *ensino da língua em uso: discutindo variação linguística*.

A pesquisa de Bonaffini (2021) pretendeu apresentar uma alternativa para o tratamento da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa para a etapa do Ensino Fundamental – Anos Finais, propondo, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Pedagogia dos

Multiletramentos, uma sequência didática que considere a ocorrência da Variação Linguística nos níveis sintático, lexical e estilístico-pragmático. Os procedimentos de análise da pesquisa partem da análise do *corpus* principal composto pelo componente de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental – Anos Finais da BNCC (2017). Em seguida, foi analisado o *corpus* secundário constituído pelos livros “Se liga na língua: leitura, produção de textos e linguagem”, da Editora Moderna; e “Tecendo linguagens: língua portuguesa”, da Editora IBEP, dois livros didáticos aprovados pelo PNLD 2020 com maior aquisição e distribuição no território brasileiro. Durante a pesquisa foi desenvolvido uma proposição de atividades com o objetivo de ampliar o tratamento dado à variação linguística no ensino de Língua Portuguesa, com base na teoria da Sociolinguística Variacionista e nos pressupostos da Pedagogia dos Multiletramentos. Ao final da pesquisa foi verificado, que o tratamento da variação linguística, tanto pelos documentos normativos quanto pelos livros didáticos, necessita de revisão teórica a fim de ampliar a compreensão sobre língua, sobre norma-padrão e sobre o caráter naturalmente heterogêneo da língua.

Na pesquisa de Coelho (2007) objetivou-se em fazer uma investigação do tratamento da variação linguística nos livros didáticos fornecidos pelo Ministério da Educação para o ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas brasileiras do Ensino Médio. O *corpus* desta pesquisa foi composto por livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio de 2005/2006. Como resultado desta pesquisa, a autora enfatiza que os linguistas e educadores vêm dando uma contribuição fundamental na melhoria da qualidade desse importante material, que é o livro didático, para a educação do nosso país.

A pesquisa realizada por Cardoso (2021) buscou analisar a variação linguística no ambiente escolar de modo a detalhar como tem sido trabalhado esse tema, além do preconceito linguístico ainda presente nas escolas. A autora realizou análise da coleção de livro didático “Geração Alpha Língua Portuguesa”, do ensino fundamental: anos finais (6º ao 9º ano), obra utilizada nas escolas municipais e estaduais de Venda Nova do Imigrante – ES. Como resultado desta pesquisa, a autora afirma que a variação linguística é pouco trabalhada e explorada, presente apenas nos livros destinados ao 6º e 9º ano, em uma concepção voltada a ideias antigas e pré-estabelecidas, além de métodos que incentivam a consolidação do conhecimento sobre a estruturação da gramática normativa, ao contrário do que propõe a BNCC sobre a necessidade de um trabalho pedagógico relacionado à sociolinguística, ao reconhecimento e à valorização da diversidade linguística como produto de questões sociais, favorecendo a conscientização e diminuição do preconceito linguístico.

Já Corbari e Pimentel (2018) objetiva-se tecer algumas reflexões sobre o tratamento da variação linguística no ensino da língua materna e apresentar alguns resultados da análise de uma coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, utilizada em escolas públicas de Cascavel (PR). Como resultado desta pesquisa, as autoras apresentam que o material didático analisado aborda a variação linguística, apresentando pontos positivos e algumas limitações como poucos momentos de apresentação de amostras realistas de português como interação e de descrição dos usos do português oral.

O trabalho de Queiroz (2018) buscou verificar a produtividade de uma proposta de intervenção pedagógica que considera a variação linguística a partir de uma abordagem da língua em funcionamento em contextos diversos. A autora organizou a pesquisa em duas etapas, teórica e prática. Na etapa teórica os alunos, pesquisadores iniciantes, participaram de quatro encontros temáticos, a saber: De onde vem a língua que falamos? Ser brasileiro é falar português? A variação linguística, o falar paraense. Na etapa prática, os alunos pesquisadores foram a campo, realizaram visitas à feira, a um espaço destinado para atividades dos idosos, à Associação dos Garimpeiros, ao Museu e à Câmara Municipal dos Vereadores de Itaituba. O resultado obtido com a pesquisa aponta que é preciso mudança na metodologia, logo, o processo precisa começar pelos professores considerando a realidade linguística do aluno, sua história e cultura.

A partir dessas discussões, no capítulo, a seguir, procuramos analisar os livros didáticos selecionados como *corpus* desta pesquisa, levando em conta o tratamento da variação linguística.

Capítulo 4

ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: EVIDÊNCIAS DE LIMITAÇÕES REFERENTES À ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Neste capítulo, apresentamos a análise dos livros didáticos adotados em Pernambuco selecionados para esta pesquisa, centrando nossa atenção em como abordam a variação linguística, tendo em mente se atendem, de forma satisfatória, o que está previsto nos documentos norteadores.

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao selecionarmos quatro coleções de livros didáticos adotados em Pernambuco, correspondentes às quatro esferas de ensino: rede estadual, rede municipal, Colégio de Aplicação e escola particular, aprovados pelo PNLD 2020 para o quadriênio 2020-2023, faremos uma reflexão em torno da proposta curricular do ensino fundamental para o tratamento da variação linguística. Para tanto, conforme mencionado nos procedimentos metodológicos (subseção 2.3), serão verificados se os seguintes aspectos, amplamente discutidos em pesquisas sociolinguísticas feitas no Brasil, são contemplados nesses livros e, em caso afirmativo, se são abordados de forma satisfatória:

- (a) os conceitos de variação, variedade e normas, por exemplo;
- (b) os tipos de variação;
- (c) os fenômenos variáveis em diversos níveis de análise linguística (fonético-fonológico, lexical, morfológico, sintático...);
- (d) os múltiplos usos da língua em diferentes gêneros textuais;
- (e) os contínuos propostos por Bortoni-Ricardo (2004);
- (f) os condicionamentos internos e externos que motivam a variação;
- (g) a diversidade linguístico-cultural do Brasil evidenciada pela coexistência de várias línguas nesse país.

Antes de iniciarmos a análise desses aspectos, apresentamos uma breve descrição de cada coleção, partindo da seguinte ordem: 1) coleção adotada pelas escolas municipais (cf.

seção 4.2.1) coleção adotada pelas escolas estaduais e escolas privadas (cf. seção 4.2.3) coleção adotada pelo Colégio de Aplicação (cf. seção 4.2.2). Ao selecionar essas coleções, nossa hipótese é que todos os livros didáticos adotados e analisados dialoguem com os documentos norteadores no que concerne ao ensino da variação linguística. A expectativa é que possamos encontrar um material que contemple a temática de forma pontual como objeto de conhecimento ao longo do ensino fundamental II.

Antes de iniciarmos a análise dessas coleções, é importante enunciarmos as habilidades a serem adquiridas pelos discentes no campo da variação linguística propostas, por exemplo, pela BNCC referente aos anos finais do ensino fundamental II:

Quadro 1: Habilidades propostas pela BNCC sobre a variação linguística voltadas para os anos finais do ensino fundamental II

9º ano	6º ao 9º ano
(EF09LP12) Identificar estrangeirismos, gírias e regionalismo, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência ou não, de seu uso na construção de sentido em diferentes gêneros textuais e situações comunicativas.	(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, preferencialmente de autores pernambucanos, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação, assim como também as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões); reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; retextualizando o tratamento da temática. (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico, valorizando a cultura a qual pertence e/ou representa. (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras da norma-padrão em gêneros orais e escritos adequados a determinadas situações comunicativas.

Fonte: Autoria própria.

De acordo com os aspectos que serão analisados nessas coleções e com as habilidades acima propostas pela BNCC para os anos finais, percebemos que há apenas 4 habilidades expressas para a temática para os quatros anos do ensino fundamental II. Podemos observar que

a habilidade (EF69LP50) está ligada ao contexto literário com foco na elaboração do texto teatral e suas possíveis adaptações.

Já na habilidade (EF09LP12), apesar de tratar o estrangeirismo, não trata a variação linguística de maneira explícita, é possível perceber que o reconhecimento e a pertinência de tal variação para a conversação são de domínio da temática. Além disso, tratando-se da norma-padrão (EF69LP56), é pontuado também, de maneira muito abrangente, o uso consciente e reflexivo de regras e normas. Considerando os aspectos a serem analisados nesta pesquisa, percebemos lacunas nas habilidades como explorar os conceitos de variação, os condicionamentos internos e externos que motivam a variação entre outros aspectos, por exemplo. Sabemos que as habilidades da BNCC são conhecimentos mínimos e essenciais para o pleno desenvolvimento do educando, então cabe aos estados e municípios adequarem seus currículos relacionando as habilidades com as competências gerais e competências específicas do documento, explorando de forma ampla a temática. Para isso acontecer, é fundamental a autonomia do professor, que fará toda diferença na mediação do processo de ensino-aprendizagem. O trabalho com a Sociolinguística Educacional é fundamental, como afirma Bortoni- Ricardo (2009), para reconhecer a importância da Sociolinguística no espaço escolar e levar o aluno a compreender os fenômenos da linguísticos variáveis, assim como também fazê-lo entender os fenômenos sociais ligados a eles. Além disso, a autora acrescenta:

Desde o seu berço a Sociolinguística, tanto na sua vertente variacionista quanto na sua vertente qualitativa, demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo, principalmente nas últimas quatro décadas (Bortoni-Ricardo, 2009, p. 2).

Essa citação de Bortoni-Ricardo destaca a importância da sociolinguística para a compreensão e suporte das questões educacionais, principalmente no que se refere ao desempenho acadêmico de crianças de diversos grupos sociais ou étnicos através de uma abordagem variada. A sociolinguística educacional analisa o impacto da diversidade linguística e da identidade cultural no desempenho e nas chances de aprendizagem de distintos grupos de estudantes.

Em síntese, a sociolinguística tem ajudado no avanço da investigação educacional em diversas nações. Nos últimos 40 anos, a língua nativa foi essencial na identificação de lacunas na educação e na promoção da igualdade e diversidade nas escolas.

4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS COLEÇÕES

4.2.1 A coleção *Apoema*

A coleção *Apoema*, direcionada ao componente de língua portuguesa, da Editora do Brasil, para os anos finais do fundamental II, é uma obra que foi reformulada para atender aos novos conteúdos exigidos pela BNCC, como explicitado na capa do material. O nome da coleção, segundo a editora, significa aquele que vê mais longe e é, com essa visão de forma ampla, que se propõe o ensino de língua para os estudantes. Como a própria capa da coleção evidencia, marca-se bem a diversidade ligada aos aspectos culturais de Pernambuco como o mamulengo, a arte no barro, a cabaça e os tecidos de chita e fitas de cetim:

Figura 1 – Capas dos quatro volumes da coleção *Apoema*



Fonte: Editora do Brasil

Disponível em: <https://www.editoradobrasil.net.br/apoema-gramatica/> Acesso em: 24 abr. 2023.

A coleção foi elaborada por Lucia Teixeira, doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), Silva Maria de Sousa, doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Karla Faria & Nadja Pattresi, doutoras em Estudos da Linguagem pela UFF. Como explicitado anteriormente na seção 3.3 deste texto sobre autores da região sul e sudeste,

isso se dá nessa coleção, visto que as autoras acabam evidenciando marcas linguísticas que muitas vezes dificultam o entendimento dos alunos sobre as variações.

4.2.1.1 Análise da coleção

A coleção *Apoema*, adotada por grande parte dos municípios de PE, atende aos anos finais do ensino fundamental II conforme já enunciado. É dividida em 8 unidades, tendo o texto como ponto de partida para os conteúdos de forma progressiva. Cada livro didático possui uma seção com o nome de “Caleidoscópio”, na qual é proposta uma reflexão crítica e discussões sobre temas ligados à área de Linguagens numa perspectiva transversal que busca a formação para a cidadania.

Ao analisarmos o livro do 6º ano, verificamos que não se aborda a variação linguística como objeto do conhecimento. O tratamento da variação linguística é apenas abordado no livro do 7º ano, nesta seção “Caleidoscópio”:

Figura 2 – Caleidoscópio: A língua portuguesa no mundo

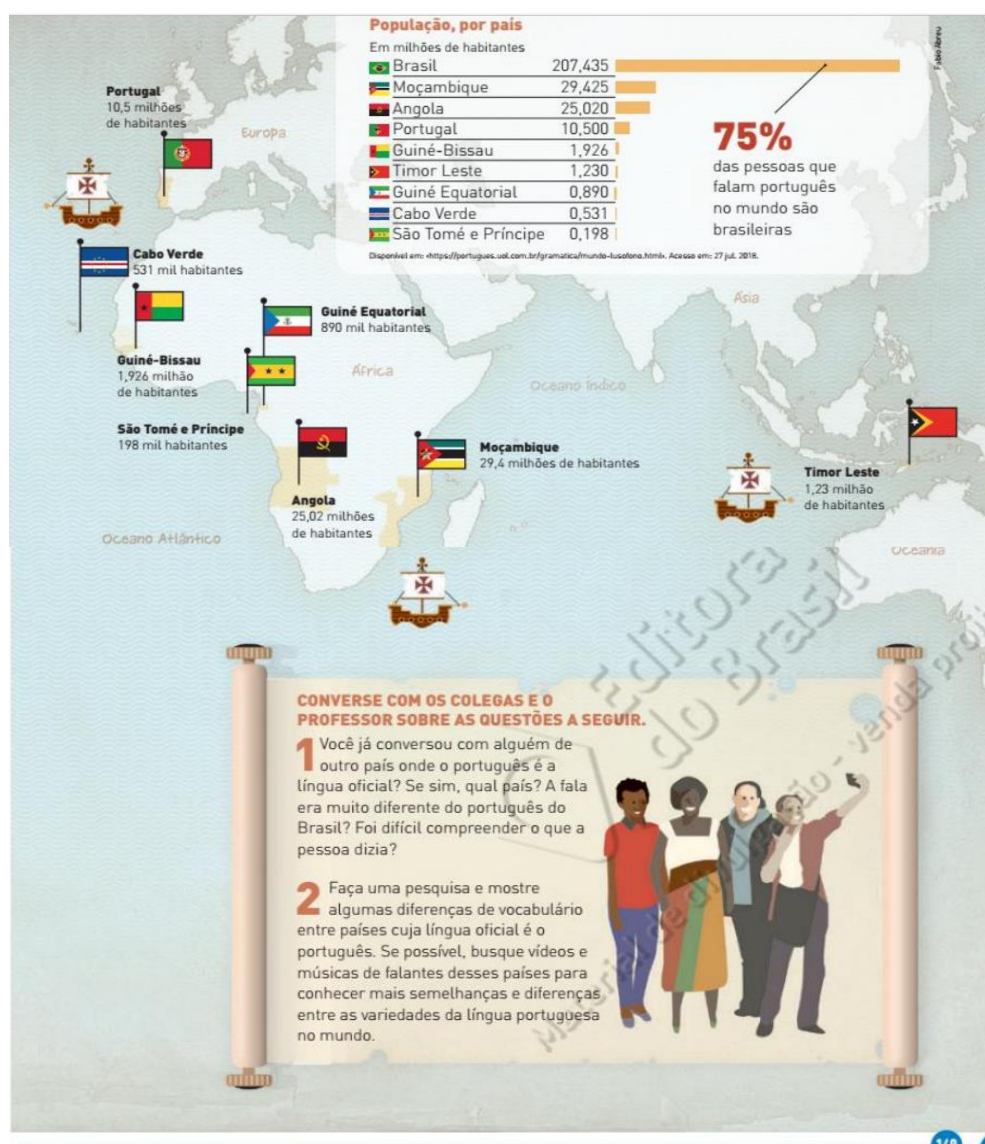


Fonte: Editora do Brasil

Disponível em: <https://www.editoradobrasil.net.br/apoema-gramatica/> Acesso em: 26 abr. 2023.

O livro aborda a diversidade linguística, partindo, na primeira página, de uma breve análise da constituição sócio histórica do português brasileiro que tem se distinguido do português europeu a partir de seu léxico. Para uma maior visualização dessa variação lexical, as autoras esquematizam o léxico de cada variedade colocando um ao lado do outro para que haja uma melhor visualização pelo aluno. Além disso, trazem mapas e imagens que abordam a quantidade de habitantes de cada país que fala português. A informação é exposta por meio de uma tabela em ordem crescente, dependendo do maior número de falantes da língua portuguesa. Apresenta-se por meio da linguagem verbal e não verbal, facilitando a leitura e entendimento pelas imagens.

Figura 3: Caleidoscópio: A língua portuguesa no mundo



Fonte: Editora do Brasil.

Disponível em: <https://www.editoradobrasil.net.br/apoema-gramatica/> Acesso em: 24 abr. 2023.

Na página seguinte, percebemos que o livro amplia a questão histórica entre Brasil e Portugal para outras variedades do português espalhados pelo mundo (África, Ásia). Como atividade, pede que o aluno pesquise sobre o contato dele com outras pessoas que são de outros países que falam a língua portuguesa e as diferenças de vocabulário encontradas na língua. O objetivo do livro com esse tipo de atividade é levar os alunos a aprofundarem a reflexão sobre variação linguística, tendo o professor como mediador para ampliar o repertório de conhecimentos sobre a língua portuguesa.

No livro didático desta coleção referente ao 8º ano, tal como verificado para o 6º ano, a variação linguística não está contemplada.

Para o 9º ano, a obra apresenta a variação linguística por meio do gênero carta aberta, porém, de forma muito superficial, com atividades voltadas para a interpretação textual e questões de registros formais e informais voltadas para a prática da língua da escrita.

Figura 4: Variação linguística: registros formal e informal na modalidade escrita

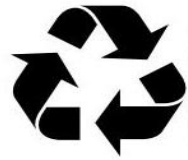
Variação linguística: registros formal e informal na modalidade escrita

1. Releia um trecho da carta aberta de André Trigueiro (I) e compare-o ao de um modelo de abaixo-assinado disponibilizado por um órgão que administra a Zona Franca de Manaus (II).

- I. "Carta aberta aos prefeitos
Aliás, todos vocês já sabiam desde a época de campanha – antes até – que a situação era difícil. Agora é arregaçar as mangas e fazer as coisas acontecerem."
II. "Ao Excelentíssimo Senhor Prefeito de Manaus
Os abaixo-assinados, brasileiros, residentes e domiciliados na rua das Flores, bairro da Paz, nesta cidade de Manaus, solicitam de V. Ex.^a a instalação de coletores seletivos de lixo, a fim de atender ao projeto comunitário de reciclagem de plásticos, alumínio e vidros. [...]"

Disponível em: <www.sufriama.gov.br/cidadao/downloads/abaixo_assinado.doc>. Acesso em: 20 jul. 2018.

- a) A quem cada texto é endereçado? Em que situação circula?
b) Em qual trecho a linguagem é usada de modo mais formal? Justifique sua resposta com elementos de cada fragmento.
c) Com base no que observou nos itens anteriores, explique a diferença quanto ao modo de usar a linguagem em cada trecho.
d) Reflita um pouco sobre textos que circulam na vida pública, como a carta aberta e o abaixo-assinado. Em seguida, formule uma conclusão sobre o registro da linguagem mais adequado a esses textos.



Símbolo universal da reciclagem.

2. Compare os trechos a seguir da carta aberta escrita por André Trigueiro.
I. "[...] **lembrem-se** de que a paciência do eleitor é curta para quem só sabe reclamar [...]."
II. "**Faça** a conta e **veja** se o seu município tem cobertura vegetal suficiente [...]."
III. "**Privilegie** os mais pobres e **faça** um pacto com a sua consciência [...]."
a) Em que modo os verbos em destaque são flexionados e a que pronome se referem?
b) Com base no que estudou sobre o gênero carta aberta, explique por que esse pronome foi escolhido para se dirigir aos prefeitos e que efeito de sentido produz no texto.
3. Faça mais uma comparação.
I. "[...] todos vocês já sabiam desde a época de campanha – antes até – que a situação era difícil. [...]. Se escolherem o caminho da sustentabilidade, a chance de dar certo é maior." (parágrafos 1 e 2)
II. "Dê destino correto para os resíduos [...]" (parágrafo 3)
a) Identifique o sujeito em I e II. Em I, **todos vocês**. Em II, **você**.
b) A partir do parágrafo 3, ocorre a mudança de tratamento. Por quê?
O autor da carta passou a se dirigir diretamente a cada prefeito, para dar mais força a seu apelo.
4. Releia os trechos da carta aberta selecionados nas atividades 2 e 3 e observe a relação dos verbos com o pronome a que se referem. A concordância entre eles está de acordo com o esperado num uso mais formal da língua?

Numa carta aberta, o uso da linguagem tende a ser formal e monitorado. Em alguns momentos, porém, podem-se utilizar recursos típicos do registro mais informal para produzir diferentes efeitos de sentido, como o de aproximar o autor da carta e o conteúdo do texto do destinatário em foco.

Fonte: Editora do Brasil.

Disponível em: <https://www.editoradobrasil.net.br/apoema-gramatica/> Acesso em: 24 abr. 2023.

Com a análise da obra, percebemos que o tratamento da variação linguística é superficial, e, em todos os livros, não foi verificado aprofundamento sobre a temática para discussões em sala de aula. Diante da análise, esta coleção atende de forma parcial os objetivos propostos pelos documentos norteadores: PCN e BNCC no que se refere à proposta curricular no que concerne à variação linguística. Na análise da coleção, não identificamos, por exemplo, conceitos de variação, os tipos de variação, fenômenos variáveis, os condicionamentos internos e externos que motivam a variação.

A partir desses resultados, percebemos que a variação linguística não recebe espaço de destaque nas discussões sobre a língua. A atenção ao fenômeno se concentra em questões que contrastam o estilo formal e informal para fins de reconhecimento e aplicação adequada aos contextos de uso e, conseqüentemente, enfatizando, especialmente, aspectos da norma padrão.

4.2.2 A coleção *Geração Alpha*

A coleção *Geração Alpha* corresponde ao componente curricular de Língua Portuguesa para os anos finais do ensino fundamental II, sendo adotadas em escolas da rede estadual. As capas sugerem, ao contrário do que se observa na coleção *Apoema*, um enfoque maior na leitura, nos gêneros digitais e na perspectiva dos multiletramentos.

Figura 5: Capas dos quatro volumes da Coleção Geração Alpha



Fonte: Editora SM Educação. Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/ensino-fundamental-geracao-alpha-lingua-portuguesa/> Acesso em: 26 abr. 2023.

As autoras são: Cibele Lopresti Costa, doutora em Literatura Portuguesa - Universidade de São Paulo - USP, Greta Nascimento Marchetti, doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e Andressa Munique Paiva, especialista em Língua Portuguesa também pela PUC-SP. Observamos que, mais uma vez, as autoras desta coleção são da região sudeste, ou seja, possuem marcas linguísticas predominantemente de outra região.

4.2.2.1 Análise da coleção

O livro didático da *Coleção Geração Alpha* apresenta-se em consonância com a BNCC fazendo referência aos objetivos e competências gerais e específicas para o ensino de língua portuguesa propostos pelo documento norteador. Em sua estrutura, a obra contempla as práticas de linguagem, os objetos do conhecimento e os campos de atuação do componente curricular que estamos pesquisando.

Primeiro, as autoras apresentam a explicação do conteúdo; em seguida, utilizam gêneros textuais para contextualizar o estudo com imagens e outros recursos que facilitam o entendimento do aluno; por fim, disponibilizam atividades do conhecimento proposto. Nesta obra, o ponto de partida para as atividades de análise linguística/semiótica é o texto.

No livro didático referente ao 6º ano, a variação linguística é tratada como objeto do conhecimento na unidade 2, em seu 1º capítulo, com o título “Língua em estudo. Variações Linguísticas: variedades regionais” (páginas 50 a 53). O capítulo a ser trabalhado atende à habilidade EF69LP55, que consiste em: Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. Essa habilidade é um objeto de conhecimento que é proposto pelo livro didático para iniciar no 6º ano indo até o 9º ano dos anos finais a partir do gênero textual: conto popular.

No próprio livro, referente à parte do professor, já se propõe a exploração da tradição oral e se espera que os alunos deem exemplos de falares de outras regiões, podendo o professor apresentar expressões de outros estados para estimular a conversa durante a aula. Após explorar o conto popular com atividades que possibilitam também discorrer sobre o texto narrativo, são realizadas, por meio de atividades, reflexões acerca de conceitos ligados à variação linguística e às variedades regionais, relacionando-os a exemplos extraídos do conto popular. Observemos, a seguir, um recorte da atividade proposta:

Figura 6: Variação linguística e variedades Regionais

LÍNGUA EM ESTUDO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: VARIEDADES REGIONAIS

1. Leia o trecho a seguir, retirado do conto "Os dois papudos".

Enquanto pinicava as cordas, prestava atenção às palavras dos dançarinos.
Eles entoavam:
Segunda, terça
Quarta, quinta...

- Identifique nesse trecho uma expressão relacionada ao ato de tocar viola.
- Considerando a situação apresentada no conto, o que essa expressão significa?
- Reescreva a frase em que a expressão é utilizada, substituindo-a pelo significado indicado na resposta do item b.
- Após a reescrita, que mudança é possível observar na frase?
- Em sua opinião, por que essa expressão foi usada por quem registrou o conto?
- Que relação pode ser estabelecida entre a expressão e o gênero conto popular?

A língua oficial do Brasil é o português, no entanto, isso não significa que todos os brasileiros se expressam da mesma forma, pois as línguas podem mudar em função das características de seus falantes e das situações de uso. A esse fenômeno dá-se o nome de **variação linguística**.

ANOTE AÍ!

Variação linguística é o fenômeno comum a todas as línguas de apresentar variações em função da época, região, situação de uso e das particularidades dos falantes. Essas variações podem ser percebidas tanto na análise das escolhas das palavras e expressões como na estrutura da frase e na pronúncia de alguns fonemas.

O conto popular "Os dois papudos", por exemplo, registrou algumas expressões tipicamente orais, utilizadas em determinada região do Brasil.

ANOTE AÍ!

Variedade regional ocorre em função da cultura dos falantes de uma região.

Do ponto de vista linguístico, não há uma variedade melhor ou pior do que outra, ou uma mais correta. Qualquer falante é usuário competente de sua língua materna. No entanto, é preciso apropriar-se das variedades de maior prestígio social e saber empregar os diferentes modos de falar e escrever adequados a cada situação de uso.

ANOTE AÍ!

As **variedades urbanas de prestígio** estão associadas ao modo de falar e escrever de uma comunidade que desfruta de maior prestígio político, social e cultural. Apropriar-se delas pode ampliar as oportunidades de ascensão social e participação cidadã.

Há ainda a **norma-padrão**, uma referência que normatiza o uso da língua. Os manuais de gramática procuram descrever esse modelo.

Não escreva no livro.

Fonte: Editora SM Educação.

Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/ensino-fundamental-geracao-alpha-lingua-portuguesa/> Acesso em: 26 abr. 2023.

Na atividade acima, percebemos que, antes de conceituar variação linguística, foi realizada uma contextualização com uma atividade de conhecimentos prévios sobre o objeto de conhecimento a ser introduzido. Partindo de uma proposta de caráter interpretativo, busca-se incentivar a reflexão do aluno em relação a termos coloquiais, utilizados nas regiões rurais do país, como a expressão: “pinicava as cordas” que, na norma padrão, significa “tocar o violão”.

A partir da atividade introdutória sobre o conto, as autoras definem variação linguística, variedade regional e variedade urbana de prestígio. Em seguida, propõem uma atividade com o gênero textual música, que possui expressões regionais, fazendo a relação entre a situação de uso e a norma-padrão:

Figura 7: Variedades Regionais da música

ATIVIDADES

1. Leia a letra de música abaixo e responda às questões.

Óia eu aqui de novo

Óia eu aqui de novo saxando	Vem cá morena linda
Óia eu aqui de novo para xaxar	Vestida de chita
	Você é a mais bonita
Vou mostrar pr'esses cabras	Desse meu lugar
Que eu ainda dou no couro	Vai, chama Maria, chama Luzia
Isso é um desafono	Vai, chama Zabê, chama Raque
Que eu não posso levar	Diz que tou aqui com alegria
Que eu aqui de novo cantando	Seja noite ou seja dia
Que eu aqui de novo saxando	Eu tô aqui pra ensinar saxado
Óia eu aqui de novo saxando	Eu tô aqui pra ensinar saxado
Óia eu aqui de novo mostrando	Eu tô aqui pra ensinar
Como se deve xaxar	



Antônio Barros. Óia eu aqui de novo. Interprete: Luiz Gonzaga.
Disponível em: <<http://luizgonzaga.mus.br/site/2019/01/27/ia-eu-aqui-de-novo/>>.
Acesso em: 30 jul. 2018.

- Qual é o significado da palavra *saxado*? Se necessário, procure no dicionário.
- Na primeira estrofe, o eu lírico revela um objetivo. Qual?
- Que termo da primeira estrofe está em desacordo com a norma-padrão? Como essa palavra é registrada na norma-padrão?
- Qual é o efeito produzido pelo uso dessa expressão da forma como aparece no texto?
- Cite um verso da música que caracteriza uma fala regional.

2. Leia o texto a seguir, escrito em 1911.

Brinquedos e cantos infantis

Muitos dos pequenos leitores d'este Almanach, principalmente os do sul, desconhecem alguns brinquedos e cantos infantis, communmente usados no norte do país.

D'estes brinquedos grande parte tem musica propria mais ou menos melodiosa, cantada em côro pelas crianças, que se munem para esse fim. Muitos são antiquissimos; remontam aos tempos coloniaes e foram trazidos pelos portugueses que, como todos sabem, foram os descobridores e colonizadores do Brazil.

Um dos mais antigos é, por certo, a Ciranda, tambem um dos mais conhecidos e populares.



Almanach do Tico-Tico, Rio de Janeiro, p. 45, 1911.

- Quem era, provavelmente, o público leitor desse texto?
- Como você pôde observar no texto, a língua também varia conforme a época. Identifique palavras do texto cuja grafia é diferente da adotada atualmente.
- Imagine que você trabalha em uma revista e precisa editar essa matéria para adequá-la à norma-padrão atual. Reescreva o texto no caderno, fazendo as adequações necessárias à nova situação de comunicação.

Fonte: Editora SM Educação.

Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/ensino-fundamental-geracao-alpha-lingua-portuguesa/> Acesso em: 26 abr. 2023.

Na mesma unidade que o livro aborda variação linguística, o capítulo analisado traz, a música “Óia eu aqui de novo” escrita por Antônio Barros e interpretada por Luiz Gonzaga. A música traz expressões que representam a história e cultura nordestina, como “xaxar”, por exemplo. Em seguida, as autoras propõem atividades interpretativas de expressão, que vão possibilitar ao aluno a reflexão sobre os termos que pertencem à norma-padrão ou não.

Figura 8: Variação linguística e caracterização dos personagens



A LÍNGUA NA REAL

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGENS

Na seção anterior, você estudou o fenômeno da variação linguística e viu que há diferentes modos de falar uma mesma língua. Observe agora como determinada variedade regional pode ter papel significativo na caracterização das personagens de um texto literário.

1. Leia o trecho a seguir.

Trezentas onças

— Pois, amigo! Não lhe conto nada! Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao tempo que dava as — boas-tardes! — ao dono da casa, aguardei um tirão seco no coração... não senti na cintura o peso da guaiaca!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar.

E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar, depois uns coriscos tirante a roxo... depois tudo me ficou cinzento, para escuro...

Eu era mui pobre — e ainda hoje, é como vancê sabe... —; estava começando a vida, e o dinheiro era do meu patrão, um charqueador, sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedras...

Assim, de meio assombrado me fui repondo quando ouvi que indagavam:

— Então, patrício? Está doente?

— Obrigado! Não, senhor, respondi, não é doença; é que sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão...

— A lá fresca!...

— É verdade... antes morresse, que isto! Que vai ele pensar agora de mim!...

— É uma dos diabos, é...; mas não se acquie, homem!

Nisto o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e virava e ia, e tomava a latir...

Ah!... É num repente lembrei-me bem de tudo.

Parecia que estava vendo o lugar da sesteada, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de sarandi, e, em cima de uma pedra, a guaiaca e por cima dela o cinto das armas [...]; tudo, vi tudo.

Estava lá, na beirada do passo, a guaiaca. E o remédio era um só: tocar a meia rédea, antes que outros andantes passassem. [...]

João Simões Lopes Neto. Contos gauchescos. Porto Alegre: Globo, 1976.

- a) A que se refere a palavra *onças* no título? Se for necessário, pesquise o significado dela em um dicionário.
 - b) De que outra forma esse título poderia ser compreendido?
- 2. No trecho lido, há muitas palavras e expressões características de certa região do Brasil.**
- a) No caderno, liste as palavras e expressões que você não entendeu e suponha um possível significado para elas com base no contexto.
 - b) Se não conseguiu compreender o significado delas com base no contexto, consulte um dicionário ou outra fonte.

Fonte: Editora SM Educação.

Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/ensino-fundamental-geracao-alpha-lingua-portuguesa/>
Acesso em: 26 abr. 2023.

Na mesma seção do livro didático em questão, a variação linguística continua sendo tratada como objeto do conhecimento através da atividade intitulada “A língua na real”, fazendo referência à caracterização de personagem, usando como recurso o conto “Trezentas onças”, escrito em 1976, por João Simões Lopes.

Dessa forma, podemos dizer que as propostas de atividades apresentadas pelas autoras no livro didático do 6º ano buscam uma reflexão e compreensão sobre variação linguística, evidenciando a regionalidade e o social, atendendo aos seguintes aspectos elencados na seção 4.1: os conceitos de variação, variedade, os múltiplos usos da língua em diferentes gêneros textuais e a diversidade linguístico-cultural do Brasil evidenciada pela coexistência de várias línguas nesse país.

Com relação aos livros didáticos referentes aos 7º e 8º anos, não apresentam a diversidade linguística como objeto do conhecimento, não atendendo ao que se prevê pela habilidade EF69LP55 proposta para se trabalhar até o 9º ano, conforme proposto pela BNCC.

No livro didático do 9º ano, a variação linguística é apresentada junto aos objetos de conhecimento de concordância nominal e de regência verbal. Os títulos são: “A língua na real: A concordância verbal e a variação linguística”; e na unidade 6, o capítulo 1 com o tema: “A língua na real: A Regência verbal: norma e variações”.

Figura 9: Concordância verbal e variação linguística

A LÍNGUA NA REAL

A CONCORDÂNCIA VERBAL E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

1. Leia esta fala de Maria.

MARIA
As horas da noite são curta, as do dia tarda tanto a passar.

 - Examine a concordância de cada verbo com seu respectivo sujeito. Explique se, em cada um deles, o princípio básico de concordância foi seguido.
2. Agora, leia esta fala de Maria.

MARIA
Nóis recebemo a bênção do amor divino...

 - a) As palavras *nóis* e *recebemo* não estão grafadas segundo a norma-padrão. O que determinou, no roteiro, essa forma de grafá-las? Segundo a gramática, essas palavras correspondem a que formas vigentes?
 - b) Por meio da resposta ao item a, pode-se afirmar que, na fala de Maria, não houve aplicação da concordância verbal segundo a norma-padrão? Por quê?
3. Retome a reflexão que você fez na atividade 1. Dê um motivo de natureza linguística para o não uso da concordância verbal.
4. Releia o trecho a seguir, e preste atenção à concordância verbal.

os dias **vão** demorar tanto a passar
Ruidade que **fizero** co'essa criatura de Deus!

 - Considerando o trecho acima e aqueles analisados nas atividades anteriores, podemos dizer que a ocorrência do não uso da concordância verbal segundo a norma-padrão é alta? Por quê?
5. Observe o anúncio, a seguir, retirado de uma página de classificados da internet.

Vende-se casas urgente – Paraíso do Tocantins
[...]
País: Brasil
Estado: Tocantins
Tipo de Operação: Oferta
Número de quartos: 2 ambientes

Disponível em: <<http://tocantins.nexolocal.com.br>>. Acesso em: 31 out. 2018.

 - A concordância verbal no título "Vende-se casas urgente" está de acordo com as regras da norma-padrão? Explique sua resposta.

ANOTE AÍ!

O não uso de **concordância verbal** é bem recorrente em textos ficcionais para caracterizar personagens que utilizam uma variedade regional ou uma variedade social consideradas variedades linguísticas de pouco prestígio. Há, ainda, falantes que, mesmo usando uma variedade de prestígio, não aplicam as regras de concordância. Por exemplo, na voz passiva sintética, os falantes têm dificuldade de detectar o sujeito da oração, o que dificulta a aplicação da regra de concordância.

RELACIONANDO

Na elaboração de um roteiro, a compreensão de que os falantes de uma língua não se expressam do mesmo modo é muito importante. Parte da criação de uma personagem passa obrigatoriamente pelo jeito como ela se expressa. A concordância verbal não escapa a essa realidade e, dependendo do contexto, pode não obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.

Fonte: Editora SM Educação.

Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/ensino-fundamental-geracao-alpha-lingua-portuguesa/> Acesso em: 26 abr. 2023.

Nesta seção, as autoras abordam a variação linguística relacionada à concordância verbal por meio do trabalho com o gênero anúncio, que é composto por falas de personagens que fazem o aluno refletir sobre as variantes linguísticas observáveis no âmbito da concordância entre o verbo e o seu respectivo sujeito. Além desse aspecto morfosintático, grafam-se algumas palavras que apontam para uma variação linguística regional. Sendo assim, essas atividades permitem que o aluno reconheça e reflita sobre as diversas formas de falar, compreendendo que a identidade e o meio social contribuíram para utilização de uma dada variante.

Na atividade seguinte, as autoras abordam a variação linguística associado à análise do tratamento dado à regência verbal. Vejamos a seguir:

Figura 10: Regência verbal: norma e variações

A LÍNGUA NA REAL

REGÊNCIA VERBAL: NORMA E VARIAÇÕES

1. Leia o trecho a seguir, retirado de uma reportagem.

Trabalhe no que você gosta... e seja mais feliz e bem-sucedido

Você gosta do que faz? De verdade? Seus olhos brilham quando você chega em casa e vai contar para a família como foi seu dia, os projetos que realizou, as metas que atingiu? Se este não é o seu caso, saiba que você não é o único. São poucas as pessoas que encontram realmente paixão naquilo que fazem, mas são justamente elas exemplos de profissionais bem-sucedidos, tanto no campo pessoal quanto no profissional. [...]

A possibilidade de fazer o que se gosta e unir prazer ao trabalho diário pode trazer, além de muita felicidade, entusiasmo e qualidade de vida, ganhos expressivos também financeiramente. [...]

O fato é que esse conceito de trabalhar fazendo o que gosta é relativamente novo. Até meados da década de [19]80, o trabalho era visto como uma forma de ganhar dinheiro – e só. “As pessoas escolhiam que carreira seguir pensando nas possibilidades de ganhar mais, sem saber que na verdade o dinheiro é só uma consequência de um trabalho bem feito, principalmente quando é feito com prazer”, analisa a psicóloga Rosângela Casseano. Somente nos últimos anos as pessoas começaram a ter uma preocupação maior com as suas carreiras e verdadeiros interesses profissionais, o que levou a uma procura por testes vocacionais e terapeutas que trabalhem com orientação profissional. “Hoje já existe uma infinidade de serviços para orientar os recém-formados e quem quiser informações sobre carreiras e profissões: são sites, universidades, pesquisas e estudos, terapeutas. Você tem menos chances de errar e fazer aquilo que não gosta”, diz Rosângela.

Empregos.com.br. 27 out. 2015. Disponível em: <http://carreiras.empregos.com.br/carreira/administracao/planejamento/290403-paixao_trabalho.shtml>. Acesso em: 26 out. 2018.

a) Qual é o assunto principal dessa reportagem?
b) Qual é a consequência de desenvolver atividades que sejam prazerosas?

2. Consulte o quadro de regência presente na página 199 e responda:
a) Como o verbo *gostar* é classificado quanto à transitividade?
b) Dê um exemplo de frase em que o verbo *gostar* segue essa regência.
c) Qual é a preposição que une o verbo ao termo regido?

3. Releia a primeira frase da reportagem.

Você gosta do que faz?

a) Qual é a regência do verbo *gostar* na frase?
b) Agora, releia a última fala da psicóloga Rosângela Casseano.

“Hoje já existe uma infinidade de serviços para orientar os recém-formados e quem quiser informações sobre carreiras e profissões: são sites, universidades, pesquisas e estudos, terapeutas. Você tem menos chances de errar e fazer aquilo que não gosta.”

• Considerando que se trata de uma citação da fala da psicóloga, reflita sobre a regência do verbo *gostar* nessa frase e, em seguida, converse com os colegas e o professor.

Fonte: Editora SM Educação.

Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/ensino-fundamental-geracao-alpha-lingua-portuguesa/> Acesso em: 26 abr. 2023.

As autoras trabalham a regência verbal através da utilização do gênero reportagem intitulada “Trabalhe no que você gosta e seja mais feliz e bem-sucedido”. A atividade proposta atende aos seguintes aspectos elencados na seção 4.1: os conceitos de variação, variedade, norma e os múltiplos usos da língua em diferentes gêneros textuais.

Figura 11: Regência verbal: norma e variações

4. Em quais frases a seguir o verbo *gostar* foi usado com a regência correspondente à norma-padrão da língua?

- I. A menina que eu gosto acabou de entrar na classe.
- II. Não pratique os esportes que você não gosta.
- III. Pratique os esportes de que você realmente gosta.
- IV. Todos gostaram dos resultados obtidos nos jogos.
- V. Ouça essa música, pois você vai gostar.
- VI. Leia os livros que mais gosta.
- VII. Você gosta de ir ao cinema?

5. Leia o texto, retirado de um *site* dedicado ao cinema.

Assista o trailer de Homens de preto 3

MIB – Homens de preto 3 (*Men in black 3*) teve seu primeiro trailer divulgado. No vídeo, J (Will Smith) volta ao passado para tentar salvar K (Tommy Lee Jones).

[...]

Renato Marafon, *Cine Pop*, 12 dez. 2011. Disponível em: <http://www.cinepop.com.br/noticias2/homensdepreto3_133.htm>. Acesso em: 26 out. 2018.

- a) Qual é o sentido do verbo *assistir* no título?
 - b) De acordo com a norma-padrão, qual é a regência do verbo *assistir* quando usado com esse sentido?
 - c) Nas situações comunicativas informais, com que regência se costuma empregar o verbo *assistir* em qualquer um de seus sentidos?
 - d) Com que regência o verbo *assistir* aparece no texto?
 - e) A opção por essa regência produz que efeito no texto?
 - f) Se esse *site* exigisse que a norma-padrão sempre fosse seguida, como o autor do texto deveria escrever o título?
6. O trecho a seguir faz parte de uma cantiga de roda conhecida em muitas regiões brasileiras. Justifique o uso de uma regência que está em desacordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa.

Fui no Itororó

Eu fui no Itororó
beber água e não achei.
Achei bela morena,
que no Itororó deixei.
Aproveita minha gente
Que uma noite não é nada
Se não dormir agora
Dormirá de madrugada
[...]



Domínio público.



↑ Capa do DVD do filme *Homens de preto 3* (EUA, 2011).

ANOTE AÍ!

Em **registros informais**, falados ou escritos, a **regência verbal** nem sempre está de acordo com a **norma-padrão** da língua portuguesa. Por exemplo, verbos transitivos indiretos podem ser empregados como transitivos diretos.

Em determinadas situações, optar por uma regência própria do **registro informal** pode ser uma **estratégia** para aproximar o texto de seu público-alvo.

Fonte: Editora SM Educação.

Disponível em: <https://www.smeducacao.com.br/livros/ensino-fundamental-geracao-alpha-lingua-portuguesa/> Acesso em: 26 abr. 2023.

Na sequência da atividade, a segunda página insere a letra de uma cantiga de roda: “Fui no Itororó” e propõe uma atividade que contempla uma reflexão acerca do tipo de registro e sua relação com a norma padrão, o que implica dizer que a variação diafásica foi abordada de forma indireta. Entretanto, podemos afirmar que o foco da aprendizagem nesta atividade se destina a regência “adequada” e nos registros formais da língua afirmando existir uma regência “correta” que vem associar à norma-padrão e que os registros informais da língua não seguem essa norma e que o texto da cantiga só foi utilizado como um pretexto sem nenhuma relação direta com a variação linguística. A única relação sobre variação linguística foi por meio da letra da cantiga que foi associada a regência verbal em forma de observação em que os registros formais, falados ou escritos nem sempre estão de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, pois em determinadas situações usar uma regência própria do registro informal pode ser uma estratégia para aproximar o texto de seu público-alvo. Dessa forma, os conhecimentos sobre variação linguística são associados pelos alunos como forma de estar sempre em desacordo com a norma-padrão, assim as autoras mostram uma preocupação com competências relacionadas com a padronização e não exploram conhecimentos e recursos para conscientização do papel das variantes linguísticas.

4.2.3 A Coleção *se liga na língua*

A Coleção *Se liga na língua* corresponde ao componente de Língua Portuguesa para os anos finais do ensino fundamental II, sendo adotadas em escolas da rede estadual e privada de ensino.

Figura 12: Capas dos quatros volumes da Coleção Se liga na língua



Fonte: Editora Moderna. Disponível em: <https://pnld.moderna.com.br/colecao/fundamental-2/portugues/se-liga-na-lingua-leitura-producao-de-texto-e-linguagem/> Acesso em: 26 set.2023.

Os autores da coleção *Se liga na língua* são: Cristiane Siniscalchi e Wilton Ormundo, ambos bacharéis e licenciados em Letras (habilitação Português/Linguística) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

4.2.3.1 Análise da coleção

O livro didático da coleção *Se Liga na Língua* apresenta conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), fazendo referência aos objetivos e competências gerais e específicas para o ensino de língua portuguesa propostos pelo documento norteador. Quanto à estrutura, a obra contempla as práticas de linguagem, os objetos do conhecimento e os campos de atuação do componente curricular que estamos pesquisando.

Ao iniciar a análise, observamos que a expressão “Se liga”, referente ao nome dado à coleção, já nos coloca diante de um exemplo de variedade linguística no título do livro, pois se trata de uma gíria que permite enfatizar uma carga de atenção ao que se refere, neste caso, à língua. Seu uso demonstra a naturalidade da variação e usa o termo de forma que se aproxima do público que utiliza, além de dizer que fiquemos “ligados”: utilizar a língua é mais do que decorar normas gramaticais ou “falar corretamente”, é comunicar-se de maneira produtiva, por meio de um sistema vivo e sempre aberto a mudanças. Essa compreensão da língua como um fenômeno dinâmico e em constante mudança é essencial para uma abordagem mais inclusiva e respeitosa da diversidade linguística.

Os autores abordam o objeto de conhecimento pesquisado no capítulo de estudo intitulado “Verbete: palavra que explica a palavra” na seção “Mais língua”. Primeiramente, os autores apresentam o verbete *cara* e propõem como atividade situações de uso da palavra em diferentes contextos, fazendo associações da linguagem formal e informal. Em seguida, colocam o verbete *zoar* na mesma intencionalidade, fazendo com que o aluno seja capaz de refletir sobre o mesmo termo em diferentes situações comunicativas, como podemos ver na figura a seguir:

Figura 13: Capítulo introdutório sobre variação linguística

Falando sobre a **NOSSA LÍNGUA**

Variação linguística

Como você estudou, os verbetes são textos que divulgam conhecimento. Quase sempre sua linguagem é formal, como nos dicionários e nas enciclopédias, mas existem versões de verbetes produzidas, por exemplo, com o objetivo de explicar uma palavra a partir de uma perspectiva poética, as quais abrem espaço para uma linguagem mais descontraída. Essa linguagem também aparece em outros gêneros textuais que divulgam conhecimento, como alguns *podcasts* com conteúdo científico ou revistas de divulgação científica que se comunicam com o público mais jovem.

A variação da linguagem será estudada na seção que começa agora.

COMEÇANDO A INVESTIGAÇÃO

Releia uma das acepções do verbete *cara*.

cara (ca.ra) s.f. [...] ▪ s.m. *infrm.* S indivíduo, pessoa qualquer <aquele c. está te chamando>

10 de 19 de fevereiro de 1998.

1. Essa acepção da palavra *cara* costuma ser utilizada em situações informais. Como o verbete registra esse uso?
2. Na linguagem informal, muitas vezes usa-se *cara* como um chamamento, como em: *E aí, cara, tudo bem?*. Que outras palavras poderiam ser usadas no lugar de *cara*, mantendo a informalidade? 2. Sugestão: *mano*, *fio* ("filho").
3. Leia o verbete a seguir.

1. Por meio da abreviatura *infrm.* (informal).

zoar

(zo.ar)

v.

1. Produzir (certos insetos, como mosca, besouro etc.) som fino, penetrante [int.]
2. Produzir som semelhante ao de insetos quando voam; ZUMBIR [int.: A flecha passou *zoando* pela minha orelha]
3. Produzir barulho forte e indistinto [int.]
4. Bras. Gír. Divertir-se sem compromisso com nada [int.: Saíram à tarde só para *zoar*]
5. Bras. Gír. Fazer pilhéria, caçoar [td.: A garotada *zoava* o pobre mendigo: Você está a fim de me *zoar*, hem?]

[v.] Verbo.

[int.] Intransitivo.

[Bras.] Uso do português brasileiro.
[Gír.] Gíria.

[td.] Transitivo direto.

ZOAR. In: AULETE Digital. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/zoar>. Acesso em: 28 fev. 2022.

- a) Quais das acepções do verbo *zoar* não são consideradas apropriadas em situações formais? 3a. As acepções 4 e 5.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p.73).

A introdução do objeto de estudo aborda a diversidade das variedades linguísticas, destacando que estas podem ocorrer não apenas entre países que compartilham a mesma língua, como Brasil, Portugal e alguns países da África, mas também dentro de um único país, como é o caso do Brasil, devido a diversos fatores. Essa diversidade linguística reflete diferenças regionais, sociais, étnicas, culturais e históricas, entre outras, que influenciam na forma como as pessoas se expressam verbalmente em diferentes contextos. Bagno (2007, p. 33) destaca que “A diversidade linguística presente em sala de aula é um reflexo da riqueza cultural e social dos alunos, e seu reconhecimento e valorização são essenciais para promover uma educação inclusiva e respeitosa das diferentes formas de expressão linguística.” Dessa forma, ressalta a importância de reconhecer e valorizar as diversas variedades linguísticas dos alunos como parte fundamental de uma abordagem pedagógica que respeite e valorize a diversidade cultural e social presente na sala de aula.

Em seguida, os autores do livro didático fazem uma explanação sobre os dicionários da língua portuguesa em que os estudantes podem observar e compreender a noção de “prestígio” atribuída a determinadas variedades. Com isso, o professor pode reforçar aquelas variações esperadas em situações de comunicação que exigem certa formalidade. Os autores exploram o objeto em estudo proposto para o ano em curso de forma satisfatória, pois abordaram não só a compreensão da variação linguística, mas também apresentaram de uma forma mais ampla o preconceito linguístico e o que determina a variação linguística de cada falante. Vejamos abaixo uma outra atividade sobre variação linguística:

Figura 14: Atividade sobre variação linguística

O que determina a variação linguística

A diferença no emprego da língua portuguesa, no entanto, não ocorre apenas entre os falantes de países distintos. Mesmo dentro do território brasileiro, podemos perceber variações: há diferenças em parte das palavras que escolhemos usar, na maneira como as pronunciamos e na própria construção das frases. O português falado em Pernambuco não é exatamente o mesmo daquele falado em Minas Gerais; e em Minas Gerais há diferenças entre os falares de algumas regiões, por exemplo, entre as áreas urbanas e rurais.

A origem do falante é apenas um dos fatores que determinam diferenças na língua que usa. A idade, a escolaridade, a situação de comunicação em que está envolvido, entre outros fatores, também interferem. Como você viu no verbete, há palavras e expressões que são próprias da linguagem informal. Elas serão empregadas em situações mais descontraídas, em que se utiliza uma linguagem mais espontânea, como é o caso de uma conversa com um amigo. Diferentemente, situações formais, como uma exposição oral em um compromisso profissional, exigirão uma linguagem mais monitorada, isto é, em que ocorre maior atenção à escolha das palavras, à formulação das frases, às regras gramaticais etc.

Observe as particularidades de uso da língua nas várias situações de comunicação que envolvem o personagem nas ilustrações a seguir.

- b) Uma pessoa natural de Portugal e falante, portanto, do português europeu poderia ter dificuldade em compreender alguns significados do verbo *zoar*? Explique por quê.

Os dicionários da língua portuguesa publicados no Brasil trazem os significados dos termos e das expressões empregados no país. Como se viu, eles sinalizam quando uma acepção tem uso local, e, portanto, não é empregada da mesma forma pelos falantes da língua portuguesa de outros países. Além disso, registram os usos formais e informais.

Do mesmo modo, um dicionário publicado em Moçambique trará, juntamente com as acepções comuns ao português europeu e ao brasileiro, muitas palavras e acepções de palavras usadas localmente. Por exemplo, a palavra *malta*, em Moçambique, é usada como sinônimo de *turma*; já no Brasil, é mais usada como coletivo de pessoas de má índole. Esses diferentes usos contribuem para que a língua se diferencie nos dois países, apresentando-se como duas **variedades linguísticas** do português.

Moçambique é um país da África que, como o Brasil, foi colonizado por Portugal. Os dois países têm o português como língua oficial, mas nossos falares se diferenciaram porque, quando os portugueses chegaram lá e aqui, já havia outros povos nativos em ambos os territórios, e as línguas faladas por eles interagiram com o português, criando variações dele. Além disso, ao longo dos anos, ocorreram contatos com outras línguas, pela presença de estrangeiros ou pelos meios de comunicação, e elas também influenciaram o português local.

A obra busca evidenciar como as variedades linguísticas estão presentes em diferentes contextos sociais e comunicativos, destacando a importância de saber se expressar adequadamente em cada situação, seja na modalidade falada ou escrita da língua. Ademais, os autores apresentam exemplos por meio de gêneros textuais para que haja uma melhor compreensão por parte do estudante. Podemos perceber tal fato no exemplo abaixo, em que o personagem é colocado em diversas situações comunicacionais que demandam habilidades linguísticas para que ele possa adequar os usos linguísticos a diferentes contextos. Essas situações podem incluir desde conversas informais até a escrita de documentos formais.

Figura 15: Gêneros textuais e variação linguística



MENDONÇA, Vicente. Criado especialmente para esta obra.

A **variação linguística** é um fenômeno que ocorre em todas as línguas. A língua sofre mudanças conforme o tempo passa e em razão do contato com outras línguas. As particularidades de cada falante, como sua idade e nível de escolaridade, também fazem com que a língua não seja sempre a mesma. Além disso, a língua é empregada de modo diferente em situações que exigem maior ou menor formalidade.

Preconceito linguístico

Leia esta tirinha.



GONSALES, Fernando. **Níquel Náusea**: siga seus instintos. 2013. 1 tirinha.

A atividade proposta pelos autores sobre o objeto de estudo tem como objetivo demonstrar as mudanças linguísticas ao longo do tempo, focando em palavras que estão atualmente em desuso ou que passaram por modificações na escrita. Palavras como “dentrifício”, “econômico” e “centímetro” são exemplos de como a língua muda e se adapta às mudanças sociais, tecnológicas e culturais. Ao explorar essas palavras, os alunos podem entender como o vocabulário se transforma ao longo das gerações e refletir sobre o impacto dessas mudanças na comunicação e na compreensão da língua. Além disso, essa atividade também pode incentivar a reflexão sobre a importância de preservar a língua e sua história na construção da sua identidade, mesmo diante das constantes transformações. Na atividade seguinte temos a proposta de abordagem da variação diacrônica.

Figura 16: Atividade de variação linguística

INVESTIGANDO MAIS

1. Veja um anúncio de creme dental divulgado nos anos 1940. Ele exemplifica a **variação histórica** da língua, ou seja, as mudanças que ocorrem com a passagem do tempo.
 - a) Que termo usado naquela época para nomear o *creme dental* está hoje em desuso?
 - b) Várias palavras eram escritas com letra dobrada, como *secca*. Quais letras aparecem dobradas atualmente?
 - c) Que qualidades do produto foram destacadas?
 - d) Esse anúncio revela que a passagem do tempo não altera apenas a língua. Que outros aspectos também sofreram mudança?

1c. O anúncio destacou a qualidade de limpar e dar brilho aos dentes com pouco gasto do produto.

1d. A imagem do anúncio mostra diferenças nos tipos de roupa e penteado usados pela modelo, além de destacar a questão da economia, um aspecto que não é mais comumente explorado nos anúncios desse tipo de produto.

Reprodução de anúncio publicado na revista **O Cruzeiro**, em 1941.



REPRODUÇÃO KOLYNOS

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 76).

Nesta atividade percebemos uma abordagem mais específica com relação a variação linguística, e a associação de elementos na imagem, de cores com o creme dental é bem pertinente, tendo em vista que é um creme dental usado até na década de 90, cuja marca hoje está em desuso.

Com a mesma abordagem da atividade anterior, na atividade seguinte, os autores apresentam a música “Broto legal” de 1976, versão de Renato Corte Real, para abordar a variação linguística diacrônica.

Figura 17: Atividade de variação linguística com o gênero canção

2. Leia uma letra de canção que também foi escrita há bastante tempo, na década de 1960. Ela usa a linguagem de um grupo social jovem.

Broto legal

Ô que broto legal	Puxei o broto pra cá
Garota fenomenal	Virei o broto pra lá
Fez um sucesso total	A turma toda gritou
E abafou no festival	<i>Rock and roll</i>
Eu logo que entrei	E o <i>rock</i> continuou
O broto focalizei	[repete a letra toda até aqui]
Ela olhou eu pisquei	E o <i>rock</i> terminou
E pra dançar logo tirei	E o <i>rock</i> terminou
O broto então se revelou	
Mostrou ser maior	
A turma toda até parou	
E no <i>rock and roll</i> nós dois	
demos um <i>show</i>	

BROTO legal (*I'm in love*). Intérprete: Sérgio Murilo. Compositores: H. Earnhart/ Renato Corte Real (versão). In: BROTO legal. Intérprete: Sérgio Murilo. São Paulo: Editora Importadora Musical Fermata Brasil, 1976. 1 LP vinil, compacto, 45 rpm.



Biblioteca cultural

Procure na internet e ouça essa canção na voz de Celly Campello.



Jovens dançando twist no clube Régine, em Paris, França, década de 1960.

Fala aí! Resposta pessoal. Ver comentário nas Orientações didáticas.

Fala aí!

Se o sentido das palavras e das locuções é criado pela comunidade de falantes e muda conforme o tempo e o lugar, qual é, então, a responsabilidade dos especialistas que escrevem os verbetes linguísticos? Reúnham-se em grupos e formulem uma resposta a ser apresentada oralmente.

A atividade proposta pelos autores utiliza a variação diacrônica, ou seja, a variação histórica da língua, como uma forma de explorar a mudança do significado de uma palavra ao longo do tempo. No exemplo dado, a palavra “broto” é analisada, mostrando como essa palavra tinha um significado específico como gíria entre os jovens de uma determinada época, referindo-se a uma mulher bonita. No entanto, atualmente, essa mesma palavra é usada apenas para descrever o estágio inicial de uma planta.

Ao analisar essa mudança de significado ao longo do tempo, os alunos são convidados a refletir sobre o percurso histórico da língua e como as relações linguísticas podem variar entre diferentes gerações. Essa atividade proporciona uma oportunidade para os alunos observarem como a língua é dinâmica e está sujeita a mudanças, além de destacar a importância de compreender o contexto histórico e social para interpretar adequadamente o significado das palavras.

Na atividade seguinte, temos a abordagem do objeto de estudo por meio de um trecho do romance *Muito mais que o acaso*, de Athos Briones, fazendo o destaque para a gíria:

Figura 18: Atividades com gírias

- a) A letra da canção trata de um evento envolvendo jovens. Qual é ele?
- b) No contexto dessa canção, a palavra *broto* é uma gíria. O que ela significa?
- c) Qual é o sentido comum de *broto*? Existe alguma semelhança entre esse sentido e o da gíria?
- d) A gíria *broto*, que já foi muito utilizada pelos jovens, hoje está em desuso. Que outra gíria tem sido usada no lugar dela? **2d. Sugestão: mina, gata.**

As **gírias** pertencem ao vocabulário típico de certos grupos, como os surfistas ou os roqueiros. Como ocorre com as demais palavras, o conjunto de gírias se altera com o passar do tempo. Nos anos 1960, por exemplo, uma turma era chamada de *patota*, e um sujeito legal, de *batuta*, termos que hoje provocariam estranhamento.

3. Leia um trecho do romance **Muito mais que o acaso**. No fragmento, Victor, o narrador, relata como foi recebido no primeiro dia de aula em sua nova escola, um colégio particular que lhe ofereceu uma bolsa de estudos devido a seu talento para o futebol.

[...] – Ah, você deve ser o Victor. Tive uma reunião com sua mãe ontem. Sou a coordenadora. Meu nome é Hellen. Seja bem-vindo! Estamos muito empolgados em ter você entre nossos alunos.

Matheus me olha com curiosidade e o sinal toca enquanto, sem saber o que dizer, estendo para Hellen os papéis que ficaram faltando para a minha transferência.

– Será que você pode levar o Victor até a sala sem se meter em encrenca no meio do caminho, Matheus? – ela pergunta, remexendo as folhas que entreguei. – Vocês estão na mesma turma.

– Claro! – Ele parece querer sair dali o mais rápido possível.

– Ainda vamos conversar sobre isso, garoto. Não pense que vou esquecer.

– Demorô, demorô – ele diz, saindo da secretaria.

Assim que fecha a porta ele estende a mão, me cumprimentando.

– E aí? Então você é “o cara”?

– Como assim?

– Ah, o astro do futebol que trouxeram de outra escola.

– Sou só um cara que joga futebol. – Dou de ombros.

– É modesto. Bacana. Mas cuidado, se for muito mole, os caras daqui vão te engolir. Eles são meio idiotas com novatos.

– Você não parece idiota.

– É que eu sou demais, sabe? – Ele me empurra de leve. – E sou meio exagerado também. Não tem que se preocupar com todo mundo, não. No geral o povo é de boa [...].



BRIONES, Athos. **Muito mais que o acaso**. São Paulo: Gutenberg, 2016. p. 10.

Na próxima atividade, é abordada a variação regional por meio de uma tirinha de Diogo Salles, como podemos observar abaixo:

Figura 19: Atividade com tirinha

4. Leia uma tirinha do Urbanoide (o personagem de barbicha). Essa tira evidencia a variação regional do português usado no Brasil ao brincar com as diferenças entre as linguagens empregadas por paulistanos e cariocas.



SALLES, Diogo. *Urbanoide*. 2012. 1 tirinha. Disponível em: <https://diogosalles.wordpress.com/2012/10/29/urbanoide/>. Acesso em: 19 jul. 2022.

- Por que a palavra *paulista* foi escrita com *x* (*paulixta*), e não com *s*?
- Por que essa forma de escrever a palavra *paulista* é fundamental para que o leitor entenda a tira?
- Que outras palavras usadas pelo mesmo falante também marcam a variedade regional da cidade do Rio de Janeiro?
- Além da língua, que outro aspecto cultural é citado para diferenciar os moradores das duas regiões? Explique.
- As tiras do Urbanoide são publicadas em jornais da cidade de São Paulo. Que diferença haveria se essa tira circulasse em um jornal carioca?

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p.79)

Os autores buscam explorar a variação regional através do vocabulário característico dos cariocas, que se destaca pela substituição do “s” pelo “x” quando não seguido por vogal. Além disso, foram abordadas as gírias e os costumes locais, incluindo os hábitos alimentares dos personagens.

Na atividade seguinte, é exposta a transcrição de um trecho de debate sobre o tema: A Língua Portuguesa tem futuro ou está condenada? O trecho é transcrito pelo ator português Ricardo Pereira.

Figura 20: Um trecho da transcrição de debate

5. Leia a transcrição de um trecho de debate sobre o tema: *A Língua Portuguesa tem futuro ou está condenada?* No trecho transcrito, o ator português Ricardo Pereira dá seu parecer sobre as variedades linguísticas.

Leonete Botelho [mediadora]:

Olá! Bem-vindos ao PGlobal ao vivo, um programa que vai ao encontro dos portugueses espalhados pelo mundo e que tem um papel ativo nas comunidades onde vivem. No mês em que assinaremos o Dia Mundial da Língua Portuguesa olhamos para o Brasil... inevitavelmente, o país do mundo com mais falantes de português. São 213 milhões, a esmagadora maioria dos cerca de 270 milhões de português... que falam português... de pessoas que falam português em todo o planeta. Temos conosco três ilustres convidados, a quem já desde já agradeço a sua presença: o embaixador Luís Faro Ramos, a professora Madalena Vaz Pinto e o ator Ricardo Pereira. Juntos vamos olhar para a língua a partir de diferentes perspectivas e tentar perceber se é tão grande aquilo que nos une como aquilo que nos separa.

[...]

Bem, todos conhecem o ator Ricardo Pereira, que divide sua vida entre Lisboa e Rio de Janeiro, como se as duas cidades fossem quase uma só. Talvez poucos saibam é que [ele] é Conselheiro da Diáspora e, como tal, também é o representante da comunidade portuguesa no Brasil. Ricardo, essa questão da língua faz sentido para si... para sua vida profissional... do lado de lá do oceano? Como é que tens **gerido** a pronúncia das vogais?

Ricardo Pereira: Olha... antes de mais [risos]... antes de mais, obrigado pelo convite, por estar presente e dar também boas-vindas a todos... a todos os convidados e conhecê-los também nesta nova forma e neste novo mundo virtual, não é? Espero presencialmente estar também perto... brevemente. Mas, sim, a questão da língua na minha profissão eu já levo dezessete anos sensivelmente de Brasil... e a gente ter começado por aqui, de facto, digamos um tronco comum, há uma língua e, depois, há várias, digamos... ramificações diferentes e até mesmo dentro do próprio português falado no Brasil, dentro do Brasil, há várias outras ramificações.



Reprodução de um quadro do vídeo, mostrando os participantes do debate.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p.80 e 81).

Segue atividade sobre a transcrição do texto:

Figura 21: Atividade sobre o trecho da transcrição de debate

Na minha área, naturalmente... a língua é preponderante, neste caso, pela minha atuação, pelo meu trabalho no Brasil e, para não **cingir** a determinados personagens, eu tive que aprender o português falado no Brasil... que tem formas diferentes de ser falado, formas diferentes de construir uma frase; portanto, é quase como se eu tivesse que aprender dentro da língua portuguesa uma outra língua.

Isso PRA MIM... a nível do trabalho do ator... é fantástico, a nível do trabalho artístico é fantástico. É um grau de exigência muito grande, mas, ao mesmo tempo, é um desafio e é ótimo, não é? Mas realmente há quase como se fossem, dentro da mesma língua, várias línguas usadas em lugares diferentes, em geografias diferentes, com todas as tradições – e o peso também desses lugares – imbuídas no jeito como as pessoas falam. E eu acho isso, eu acho isso fantástico essa diversidade da nossa própria língua. É... é maravilhoso.

A LÍNGUA Portuguesa tem futuro ou está condenada? **Público**, 25 maio 2021. (1 vídeo) 26 s a 1 min 11 s; 3 min 20 s a 5 min 36 s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3MYDdw4tOB0&t=205s>. Acesso em: 28 fev. 2022.

- a) A mediadora inicia sua participação contextualizando o debate. Por que o tema é especialmente relevante naquele momento? O que justifica o foco colocado no Brasil?
- b) Esse debate tem como objetivo contribuir para a compreensão da variação linguística. Relacione os convidados escolhidos ao objetivo de divulgar conhecimento.
- c) Como o ator responde à pergunta: “como é que tens gerido a pronúncia das vogais?”?
- d) A fala do ator pode ser dividida em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. De que maneira ele introduz sua fala?
- e) No desenvolvimento, ele comenta alguns aspectos sobre as variedades linguísticas. Quais são eles?
- f) Esse trecho corresponde à fala introdutória do ator. Que recurso ele emprega para finalizar essa primeira participação?

Neste tipo de atividade, espera-se que os estudantes consigam ter uma boa compreensão do fenômeno da variação linguística. Isso implica que o aluno reconheça que a língua portuguesa varia, compreenda que existem diferenças entre a língua usada em Portugal e no Brasil, bem como dentro do próprio Brasil, e que não estabeleça uma hierarquização que indique a superioridade de uma em relação à outra. Além disso, espera-se que o aluno demonstre disposição em se familiarizar com o português brasileiro por motivos profissionais e culturais, reconhecendo sua importância no contexto social e comunicativo do país. Essa postura reflexiva e aberta é fundamental para promover uma atitude de respeito e valorização da diversidade linguística.

No livro didático desta coleção referente ao 7º ano e 8º ano, a temática variação linguística não está contemplada como objeto de conhecimento.

Para o 9º ano, a obra apresenta a variação linguística por meio do gênero romance: “A máquina”, de Adriana Falcão, com uma proposta didática que explora questões pertinentes ao gênero, e no subcapítulo 1 intitulado “*Como a língua varia*”.

O enredo do romance “A máquina” aborda a migração dos habitantes do Nordeste. Isso é um tópico crucial que frequentemente aparece na literatura brasileira, principalmente quando se trata da história e da cultura do país. A migração dos nordestinos para diferentes áreas do Brasil, em busca por melhores condições de vida e emprego, é um assunto que abarca aspectos sociais, econômicos e culturais. Por meio da narração, o autor pode abordar as vivências e obstáculos dos migrantes, refletindo sobre as disparidades regionais e sociais no Brasil. Com base na análise do romance, os autores do livro didático sugerem exercícios que levam os alunos a refletirem sobre aspectos que influenciam nas variações do uso da língua. Na obra, a escritora se utiliza de palavras tais como: *tamanhinho*, *eita*, que são palavras comuns em textos informais, fazendo com que a narrativa se assemelhe a uma história contada oralmente, criando uma aproximação entre o narrador e os leitores. Além de empregar marcas de oralidade e informalidade, o narrador usa algumas expressões e construções próprias dos falares nordestinos, como “gado bom danado”, a qual sugere sua origem e indica a intimidade com o contexto de Nordestina, seus moradores e os fatos que narra. Após a exploração do romance, os autores do livro didático, Ormundo e Siniscalchi, conceituam variação linguística em função de alguns fatores como o geográfico, histórico e o social.

A próxima atividade, os autores apresentam o gênero textual *memes* como proposta de abordagem da variação linguística. Vejamos a figura abaixo:

Figura 22: Meme



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 21).

Podemos observar no meme abordado no livro didático o retrato de um cachorro com uma das patas em cima de um *skate*. Ao lado, há gírias como “véi” e “mando flip”, características de um grupo social de jovens skatistas que gostam de realizar manobras no *skate*. Conforme o Dicionário Linguae (2022), o termo “flip” significa “virar algo”. Essa representação visual e linguística sugere a associação do cachorro com a cultura do skate e seu vocabulário específico, evidenciando uma cena que reflete a interação entre a língua. Com isso, no meme, identificamos a variação linguística social nos níveis lexical e estilístico-pragmático. Segundo Ilari e Basso (2021, p. 152), “todos nós conhecemos gírias que, embora compreensíveis, soam ‘antigas’, e também é comum o caso de gírias compreensíveis somente aos mais velhos ou aos mais novos”. Com isso, observamos que a língua varia conforme a idade

do falante, o sexo, o nível de escolaridade e outras áreas da sociedade. Essa variação linguística reflete as diferentes experiências e identidades dos falantes, contribuindo para a riqueza e a diversidade da linguagem em diferentes contextos sociais e culturais.

Na atividade seguinte, apresenta-se um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha enviada ao rei D. Manuel, de Portugal, em 1500, como podemos ver abaixo na figura.

Figura 23: Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha

O português brasileiro

O trecho a seguir foi copiado da carta que o escrivão Pero Vaz de Caminha enviou ao rei D. Manuel, de Portugal, em 1500, contando sobre os primeiros contatos dos portugueses com os nativos do território que posteriormente seria chamado de Brasil.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, **fartéis**, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provaram, logo a lançaram fora.

Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes a água em uma **albarrada**. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que **lhas** dessem, **folgou** muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não **lho** havíamos de dar. E depois tornou as contas a quem lhas dera.



- Fartéis:** doces.
- Albarrada:** jarro.
- Lhas:** lhe + as.
- Folgou:** brincou, divertiu-se.
- Lho:** lhe + o.

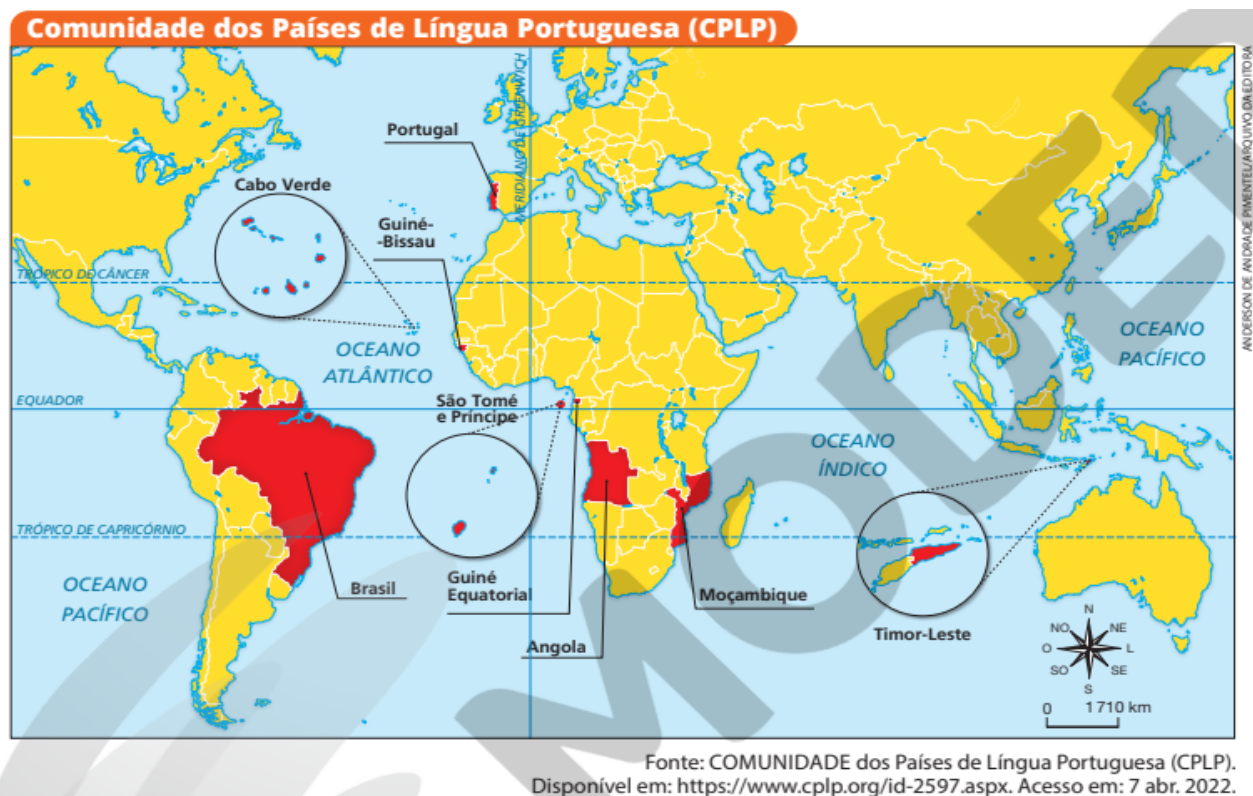
BRASIL. Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 17 jan. 2022.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 22).

Em seguida, os autores comentam sobre o processo de constituição histórica do português brasileiro, além de comentar sobre a língua continuar sendo modificada devido à criação de novas formas de expressão e ao contato com a cultura estrangeira, por meio da música, do cinema, das relações comerciais, das comunicações pela internet etc. Os autores salientam que a língua de Portugal também teve modificações ao longo do tempo sob influência

de outras culturas, e se afastou daquela língua que chegou ao Brasil. Em seguida, comenta sobre os países que formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), também conhecida como Comunidade Lusófona como podemos observar abaixo na figura 24:

Figura 24: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 23).

Um dos pontos de destaque nesta obra é a relevância sobre o conhecimento das regiões que formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, pois ressalta a relevância de explorar e compreender a diversidade linguística e cultural dos países de língua portuguesa como parte integrante da educação dos alunos, possibilitando uma maior compreensão das relações entre esses países e enriquecendo sua visão de mundo. Essa ideia corrobora com a afirmação de Antunes (2010, p. 72), que enfatiza sobre o fato de que:

Conhecer os países que falam português não apenas amplia o repertório linguístico e cultural dos alunos, mas também promove uma compreensão mais profunda das conexões históricas, culturais e sociais entre esses países, contribuindo para uma visão mais ampla e inclusiva do mundo.

No subcapítulo, *investigando mais*, é apresentada uma tirinha de Urbanoide com o emprego de algumas gírias por parte do personagem.

Figura 25: Atividade com tirinha com emprego de gírias

1. Leia uma tirinha do Urbanoide. Esse personagem emprega gírias típicas de alguns grupos urbanos.



SALLES, Diogo. **Urbanoide**. [201-]. 1 tirinha. Disponível em: <https://diogosalles.wordpress.com/2012/10/29/urbanoide/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 24).

Nessa tirinha, observamos um rapaz com óculos sentado diante de um computador. Primeiramente, ele mencionou que acompanha algumas celebridades nas redes sociais. Na cena subsequente, ele afirma que todos os famosos são “hipócritas” e, na cena final, ele reflete e repete: “é enganoso”. Conforme o Dicionário Linguee (2022), o termo “falso” (outra palavra) tem o significado de “falso”. Também encontramos duas palavras que foram escritas como gírias (“veio” e “tá on”). De acordo com Bortoni-Ricardo (2014, p. 61), “As gírias são itens lexicais informais, efêmeros no tempo e, pelo menos no início, circunscritos a grupos sociais”. Essa representação visual e linguística na tirinha evidencia o uso de linguagem informal e gírias, caracterizando a comunicação típica de certos grupos sociais, especialmente de jovens, nas redes sociais e na *internet*.

Nessa tirinha ocorre uma variação linguística de natureza social (diastrática), pois encontramos gírias comuns de alguns grupos sociais da área urbana. Essas gírias são frases que mostram a maneira de falar única de certos grupos sociais ou comunidades urbanas, ajudando a criar identidades linguísticas e culturais dentro desses grupos sociais. A utilização das gírias

nesta tira ajuda a mostrar a linguagem falada real e contextualizada em certos ambientes urbanos da cidade de São Paulo.

Na questão a seguir, é apresentada uma reportagem da revista *Superinteressante* sobre as influências que as línguas exercem umas sobre as outras. Vejamos na figura 26 abaixo:

Figura 26: Trecho de reportagem

4. Leia este trecho de uma reportagem sobre as influências que as línguas exercem umas sobre as outras.

As línguas do Brasil

[...]

As línguas indígenas e africanas também deixaram sua marca no Brasil – as indígenas descrevem a natureza exuberante, para a qual os europeus **literalmente** não tinham palavras, e as africanas **impregnaram** nossa cultura, especialmente a religião e a culinária. Hoje, muita gente acha ruim a influência inglesa na língua. Nacionalismos à parte, esse pessoal vai ter que suar muito se quiser mesmo livrar o português do Brasil de todos os estrangeirismos.

passado, mas também do inglês, mais recentemente.



GALVÃO BERTAZZI/ARQUIVO DA EDITORA

Literalmente: ao pé da letra.

Impregnaram: influenciaram profundamente.

NARLOCH, Leandro. *Superinteressante*, ed. 174, mar. 2002.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 27).

O trecho da reportagem acima refere-se às marcas deixadas no Brasil por outras línguas, como a africana e indígena, por exemplo. Isso ressalta a riqueza e a diversidade linguística presentes no país, evidenciando a influência de diferentes culturas e tradições na formação do português e, por conseguinte, na formação da identidade brasileira. A presença dessas influências linguísticas é um reflexo da história e da pluralidade cultural do Brasil, contribuindo para a formação de uma sociedade multicultural e multilíngue. Essas marcas linguísticas são elementos fundamentais da herança cultural brasileira e devem ser valorizadas e preservadas como parte integrante da identidade nacional.

O fragmento também introduz a questão do estrangeirismo, que é proposto na reflexão sobre a temática na página seguinte, mas antes conceitua o quimbundo e o tupi-guarani, como podemos ver abaixo:

Figura 27: Conceito de Quimbundo e Tupi-guarani

O **quimbundo** é uma língua usada, principalmente, em Angola. O **tupi-guarani** é uma família que engloba várias línguas empregadas pelos indígenas sul-americanos.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 27).

Diante da proposta pedagógica apresentada pelo livro didático, o professor poderá despertar no aluno o conhecimento sobre línguas indígenas e africanas, ressaltando a diversidade cultural do Brasil, mostrando a eles a riqueza das diferentes culturas que contribuíram para a formação da identidade brasileira. Assim, o (re) conhecimento sobre tais línguas pode fazer com que os estudantes questionem estereótipos e preconceitos ligados às culturas onde são faladas, incentivando uma análise crítica sobre a diversidade cultural e o respeito linguístico a outras línguas e culturas que constituíram a gênese da formação do português brasileiro (Lucchesi, Dante (2017); Mattos e Silva (2004).

Na próxima proposta de atividade, é apresentado um texto que leva o aluno à reflexão mediante ao emprego do estrangeirismo. Vejamos na figura abaixo:

Figura 28: Texto sobre a saúde e a prática esportiva

5. Leia o texto a seguir, publicado em uma revista que aborda temas relativos à saúde e à prática esportiva, e faça as atividades para refletir sobre os estrangeirismos.

O novo *bulletproof coffee* promete dar ainda mais energia no pré-treino

Gengibre, cúrcuma, cravo e canela são as especiarias que compõem o tempero indiano

É provável que você já conheça o café batido com óleo de coco e *ghee* – e até aderiu à ideia para aguentar firme as sessões de agachamentos e *burpees*. Mas agora a nova onda é o *bulletproof coffee* com *masala*.



Bulletproof coffee.

“As especiarias (gengibre, cúrcuma, cravo e canela) do tempero indiano combatem aquela preguiçinha pré-treino e intensificam o poder da bebida de prolongar a disposição física”, diz a *coach* especializada em alimentação *ayurvédica* Carol Stoffella, do Rio de Janeiro. Você vai ter fôlego para fazer seu melhor **WOD** no *crossfit* ou para ficar no pelotão da frente no treino de *bike*.

CONTRERAS, Elaine. O novo *bulletproof coffee* promete dar ainda mais energia no pré-treino. **Boa Forma**. [S. l.], 22 abr. 2018. Disponível em: <https://boaforma.abril.com.br/dieta/o-novo-bulletproof-coffee-promete-dar-ainda-mais-energia-no-pre-treino/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 28).

Nesta atividade proposta pelo livro didático, percebemos o uso do estrangeirismo no gênero textual abordado e salientamos a importância de o professor contextualizar em suas aulas o uso, explicando seu significado e origem aos alunos. Isso pode ajudá-los a entender melhor o termo e a integrá-lo ao seu vocabulário de forma consciente, de acordo com a proposta comunicativa.

Os estrangeirismos podem acrescentar palavras ao vocabulário dos estudantes, oferecendo-lhes termos específicos de outras línguas que talvez não possuam correspondências precisas em português. A utilização de palavras de outros idiomas pode contribuir para a valorização da diversidade linguística e cultural, ressaltando a influência de diferentes línguas e culturas no português e estimulando o respeito pela variedade linguística. Além disso, tal fenômeno é causado pelos processos históricos, como a influência norte-americana no Brasil, que implicou a adoção de uma série de estrangeirismos. É possível motivar os estudantes a pensarem de forma crítica sobre a utilização de palavras estrangeiras, levando em conta a globalização, o efeito da mídia e da tecnologia na linguagem, assim como as consequências culturais e sociais do emprego desses termos. Assim, como afirma Câmara Jr. (1970, p. 107):

Os estrangeirismos são elementos linguísticos provenientes de outras línguas que são incorporados ao léxico de uma língua receptora. Sua presença reflete não apenas a influência de contatos culturais e comerciais, mas também a capacidade da língua em se adaptar e absorver novos termos para expressar conceitos e realidades emergentes.

Após a atividade que leva o aluno à reflexão sobre o emprego do estrangeirismo, os autores definem o estrangeirismo.

Figura 29: Definição de Estrangeirismo

Estrangeirismo é o emprego de palavras emprestadas de outro idioma. A língua portuguesa incorporou, ao longo do tempo, muitas palavras de outras línguas. Parte delas passou por um processo de adaptação à grafia e à pronúncia do português, como *futebol* e *abajur*, que vieram, respectivamente, do inglês *football* e do francês *abat-jour*. Outras palavras foram incorporadas com sua forma original, como *post* ou *delivery*.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 28).

Do ponto de vista analítico, os manuais da seção de línguas dedicam ao assunto certos tipos de variação como diatópica, diastrática e diacrônica, mas os autores não mencionam variação diafásica e morfossintática na obra. Além disso, os autores buscam aprimorar o conteúdo, determinado pela BNCC, por meio de diferentes gêneros textuais que envolvessem e interagissem com o público-alvo, ou seja, permitindo aos estudantes uma ampliação do conhecimento e despertando interesses para pesquisas.

Sobre essa aproximação entre o estudante e o objeto do conhecimento, Marcuschi (2008, p. 73) afirma que:

A diversidade de gêneros textuais é um recurso valioso para aproximar os alunos das práticas sociais de linguagem, permitindo-lhes reconhecer e compreender a variação linguística em contextos autênticos de uso da língua. Ao explorar uma variedade de gêneros textuais, os alunos podem ampliar sua competência comunicativa e desenvolver habilidades de leitura e escrita que são relevantes para sua participação efetiva na sociedade.

Assim, podemos entender que o trabalho com diferentes gêneros textuais pode enriquecer a compreensão dos alunos sobre a variação linguística, permitindo-lhes conectar-se com contextos reais de uso da língua e desenvolver habilidades comunicativas relevantes para sua vida cotidiana e participação na sociedade de acordo com as situações comunicativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do aporte teórico adotado ao longo desta pesquisa, aprofundamos nossos conhecimentos e, com isso, podemos refletir e alcançar o nosso objetivo inicial que foi analisar o tratamento da variação linguística como objeto do conhecimento em coleções de livros didáticos do Ensino Fundamental II, fazendo uma reflexão sobre a proposta curricular. Nesse sentido, partindo da concepção de língua e de aspectos relacionados à variação linguística que os documentos normativos apresentam, verificamos que todos partem da concepção de língua como uma entidade heterogênea e de que toda língua natural varia, sendo, portanto, uma propriedade inerente a todas as línguas naturais. Partindo disso, analisamos os livros didáticos com mais precisão no que concerne à temática da variação linguística e observamos que, mesmo com a oficialização dos documentos norteadores da Educação, percebemos que há séries cujos livros didáticos não abordam a variação linguística enquanto objeto do conhecimento.

De modo geral, observamos que as habilidades referentes à variação linguística a serem tratadas como objeto do conhecimento só foram abordadas na *Coleção Apoema* no 6º ano e no 9º, na *Coleção Geração Alpha* no 7º ano e no 9º ano, e na *Coleção Se liga na língua* no 6º ano e 9º ano; entretanto, a proposta curricular prevista pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é considerada essencial para todos os anos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II. Além disso, as abordagens dos livros didáticos analisados atendem de forma parcial aos objetivos de ensino que correspondem às exigências de abordagens propostas do PNLD 2020-2023. Percebemos que a temática da variação linguística na sala de aula como objeto de reflexão do ensino de língua ainda precisa ser mais explorada como objeto do conhecimento, tomando como base os seguintes aspectos: o conceito de variação linguística, os tipos de variação, os condicionamentos internos e externos que motivam a variação que não foi mencionada em nenhum dos livros didáticos.

Não basta abordar a variação linguística em apenas um capítulo de forma isolada, pois há uma gama de fenômenos linguísticos variáveis nos diversos níveis de análise linguística, conforme evidenciado em diversas pesquisas sociolinguísticas tanto na língua falada quanto na língua escrita, que poderiam ser objeto do conhecimento para reflexão ao longo dos capítulos que compõem os livros analisados.

Com base nos avanços de pesquisas sociolinguísticas no Brasil, percebemos ainda a distância dos estudos da sociolinguística referente à variação linguística no ensino com o que é abordado em sala de aula. Embora tenhamos conhecimento sobre a diversidade linguística e

cultural presentes em nosso país, ainda há uma lacuna na aplicação desses conhecimentos no contexto educacional, principalmente em livros didáticos, como foi observado no material analisado para esta pesquisa. Sabemos que a compreensão da variação linguística é essencial para uma prática pedagógica mais inclusiva e eficaz, capaz de atender às necessidades linguísticas dos alunos e promover uma educação mais equitativa. Portanto, é fundamental que haja uma maior integração entre a pesquisa sociolinguística, os documentos normativos e a prática educacional, visando uma abordagem mais consciente e sensível à diversidade linguística em sala de aula.

Sabemos que ainda há um longo caminho para que esses estudos sejam abordados de forma mais assertiva nos livros didáticos e que sejam abordados com mais ênfase pelo professor de língua portuguesa. Para isso, algumas estratégias podem ser utilizadas para minimizar os problemas. A primeira delas, é a oferta de disciplinas “obrigatórias” como sociolinguística no Curso de Graduação, que servirão de base para a formação do professor referente aos conhecimentos mais aprofundados. A segunda, é investir em Formação Continuada de Professores para que se possa fazer um trabalho em Rede diferenciado que possa proporcionar ao aluno o (re) conhecimento da heterogeneidade linguística presente em materiais didáticos para proporcionar um trabalho de elaboração do livro didático com professores de diversos estados brasileiros. A terceira é ter conhecimento de trabalhos na área da dialetologia como o *Atlas Linguístico* que é de suma importância, pois oferece um estudo linguístico do Brasil. A quarta possibilidade é trabalhar com os condicionamentos internos e externos à língua para justificar a ordenação e sistematicidade da variação linguística.

É relevante pensar nas estratégias acima como possibilidade de ampliar e aprofundar o conhecimento. Ainda hoje, temos muitos professores que por falta de um maior aprofundamento apresenta dificuldade de interpretar e colocar em prática o que consta nos documentos normativos. Com isso, no momento da escolha do livro didático, muitos professores não refletem sobre essas questões e acabam fazendo escolhas que não abordam objetivos específicos, como propõem os documentos normativos para o componente de língua portuguesa.

Além da utilização do livro didático, que o professor possa utilizar outros materiais em suas aulas e não há dúvidas de que é de suma importância que os professores de língua portuguesa permaneçam estudando, seja por meio de formações continuadas, por cursos de extensão e de pós-graduação na área. Essa formação, portanto, será crucial ao entendimento das contribuições das pesquisas sociolinguísticas à sua prática como docente de língua portuguesa,

contribuindo assim para a ampliação do repertório linguístico e da competência comunicativa dos alunos na língua falada e na língua escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Leide Daiane. **O tratamento da variação linguística em livros didáticos das séries finais do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado.** Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE. 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/73752>. Acesso em: 25 fev. 2024.
- Antunes, Irlandé. **Língua, Texto e Ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **A inevitável travessia:** da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna:** letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. p. 13-84.
- BAGNO, Marcos. Por uma Sociolinguística militante. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004., p.7-10.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos:** variação linguística no ensino de português São Paulo: Parábola Editorial. 2013.
- BITTENCOURT, Terezinha. **Jornalismo de transgressão:** análise do discurso d'O Pasquim/1970. 1999. 284f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BONAFFINI, Karolina Vieira da Silva. **A variação linguística na BNCC e nos livros didáticos do ensino fundamental anos finais: proposta de atividade à luz da pedagogia dos multiletramentos.** Dissertação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE. 2021. Disponível em: [Bonaffini Karolina-Vieira-da-Silva-Bonaffini.pdf](#) Acesso em: 08 jul. 2024.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna:** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004. p.57.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Heterogeneidade linguística e o ensino da língua: o paradoxo da escola. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nos chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005. p. 15.

BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. **Sociolinguística em sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

BUNZEN, Clecio. **Livro didático de língua portuguesa**. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva.; COSTA VAL, Maria da Graça.; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Glossário CEALE**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores (Centro de Alfabetização, leitura e escrita). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014.p.206

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. ART 63, **Inc. III da Lei de Diretrizes e Bases**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11686129/incisoiii-do-artigo-63-da-lei-n9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em: 13. Dez. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP)**. SAEB 2001: novas perspectivas. Brasília, DF: INEP, 2002.

BRASIL, MEC. **Guia de Livros Didáticos** – PNLD 2011 - Matemática. Brasília: 2012a.

BRASIL, MEC. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CÂMARA Jr. J. Mattoso. 1970. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes.p.170.

CARDOSO, S. A. M. A. *et al.* **Projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: UFBA, 2000.

CARDOSO, S. A. M. A. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**, V.1. Londrina: UEL, 2014a.

CARDOSO, S. A. M. A. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**, V.2. Londrina: UEL, 2014b.

CARDOSO, Fernanda Luiz. **Variação linguística no livro didático: uma análise pelo viés da sociolinguística**. Universidade Federal do Espírito Santo. Venda Nova do Imigrante, ES. 2021.TCC.

Disponível em: [CardosoTCC Variação Linguística Livro Didático Análise Sociolinguística.pdf](#) Acesso em: 10 jul. 2024.

CASTILHO, Ataliba T. de (1997a). **A Gramaticalização. Estudos Linguísticos e Literários** [UFBA]1997.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português**. Universidade de Brasília. Brasília, 2007. Dissertação. Disponível em: [PaulaMariaCobucciRCoelho.pdf](#) Acesso em: 10 jul. 2004.

CORBARI, C.C.; PIMENTEL, I. R. B. O tratamento da variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. Caletrosópio - ISSN 2318-4574 - Volume 6 / n. 2 / jul. – dez. 2018. p. (98-114).

- COSTA, Cibele Lopresti; NOGUEIRA, Everaldo; MARCHETTI, Greta. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: 6º ano**. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2018a.
- COSTA, Cibele Lopresti; NOGUEIRA, Everaldo; MARCHETTI, Greta. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: 7º ano**. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2018b.
- COSTA, Cibele Lopresti; NOGUEIRA, Everaldo; MARCHETTI, Greta. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: 8º ano**. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2018c.
- COSTA, Cibele Lopresti; NOGUEIRA, Everaldo; MARCHETTI, Greta. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: 9º ano**. 2.ed. São Paulo: Edições SM, 2018d.
- COSTA-RIBEIRO, Sérgio. **A Pedagogia da repetência**. Estudos Avançados. v.5, n.12, p.7-21, maio/ ago.1991.
- CYRANKA, L. F. M.; BARROSO, T. **A pedagogia da variação linguística na escola: experiências bem-sucedidas**. Londrina: Eduel, 2018.
- DIAS, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **Contribuições da Sociolinguística Educacional para materiais de formação continuada de professores de língua portuguesa**. Universidade de Brasília. Brasília, 2011. Tese. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/9336/1/2011_PaulaMariaCobucciRibeiroDias.pdf Acesso em: 20 fev. 2024.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. O desafio da implementação de uma pedagogia da variação linguística no ensino de língua materna. **Entrelinhas**, v. 11, n. 1, p. 132-134, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/entr.2017.11.1.09>. Acesso em 02 abr. 2024.
- FARACO, Carlos. Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.
- FARACO, C. A. **Por uma pedagogia da variação linguística**. In: CORREA, D. A. (Org.). **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2007.
- FARACO, A. C. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística I. Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2004
- GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1996.
- GATTI, Bernadete A. **Possibilidades e fundamentos de avaliações em larga escala: primórdios**

e perspectivas. In: BAUER, Adriana; GATTI, Bernadete A.; TAVARES, Marialva. **Vinte e cinco anos de avaliação de sistemas educacionais no Brasil: origens e pressupostos**. Florianópolis: Insular, 2013.p.54.

GUY, Gregory. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: **II Congresso Internacional da ABRALIN**, Fortaleza, março de 2001. p. 39. Anais. Disponível em: https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf Acesso em: 23 fev. 2024.

GUY, Gregory.; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HORA, Dermeval da. Sociolinguística. In: ALDRIGUE, Ana Cristina de Souza; LEITE, Jan Edson Rodrigues. (Org). **Linguagens: usos e reflexões**. João Pessoa: Editor da UFPB, 2011. v. 8. p. 99.

ILARI, Rodolfo.; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto; 2006.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean; SIMAN, Lana Mara de Castro. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LUCCHESI, D. **Norma linguística e realidade social**. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004. p. (64-65).

LUCCHESI, Dante. **A periodização da história sociolinguística do Brasil**. D.E.L.T.A. São Paulo, v.33, n.2, p. 347-382, maio/agosto 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz. **Fala e escrita** / Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A. (2008). **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, S.J; CESÁRIO, M.M. **Gramaticalização no Português do Brasil, uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro; UFRJ - Departamento de Linguística e Filologia. 1996.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolinguística/ gramaticalização. Niterói, *Gragoatá*, v.9, n. 1, p. 125-134, 2000.
- NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.
- ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Literatura, produção de texto e linguagem. 6º ano. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2018a.
- ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. 7º ano. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018b.
- ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. 8º ano. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018c.
- ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. 9º ano. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018d.
- PACHECO, R.S.; ATAÍDE, A.M. **Dificuldades de interpretação de textos na escola - propostas metodológicas para a superação desse PROBLEMA: trabalhando com fábulas e mitos**. Versão On-line ISBN 978-85-8015-076-6. 2013. Disponível: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_port_artigo_rosimeri_dos_santos_pacheco.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.
- PAIVA, Silvana da Costa de. **Variação linguística: um desafio no ensino de língua materna**. Dissertação. Universidade Estadual Paulista. Assis, SP. 2023. Disponível em: [PAIVA_sc_me_assis_sub.pdf](#) . Acesso em: 10 jul. 2024.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. 6ª ed., São Paulo: Nacional, 1987.
- QUEIROZ, Jax Mara de Jesus. **Ensino da língua em uso: discutindo variação linguística**. Dissertação. Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, PA. 2018. Disponível em: [Queiroz Dissertacao EnsinodaLinguagemUso.pdf](#) Acesso em: 10 jul. 2024.
- RAZKY, A.; FEITEIRO, S.R. **Sociolinguística e Livro Didático: uma análise exploratória**. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/1, p. 309-332, jun. 2015.
- ROJO, Roxane. **As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas - caderno do professor / Roxane Rojo**. - Belo Horizonte: Ceale, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 30.ed., São Paulo, Cultrix, 2008.

SANTANA, Alexandra Nunes. **A variação linguística no livro didático e na prática docente de língua portuguesa: políticas e ideologias linguísticas**. Dissertação. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, PR. 2017. Disponível em: [Santana Alexandra Nunes Santana.pdf](#) Acesso em: 09 jul. 2024.

SISTEMA de Avaliação da Educação Básica (**Saeb**). Ministério da Educação, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exameseducacionais/saeb>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SILVA, Camilo Rosa. **Diferentes gêneros, diferentes linguagens: a variação linguística na aula de português**. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org). A didatização de gêneros no contexto de formação continuada em EAD. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2012. p. 168-169.

SILVA, Camilo Rosa; MATOS, Denilson Pereira de (Org.). **Usos linguísticos: formas e funções**. Curitiba: Editora CRV, 2016.

SILVA, Tarcilane Fernandes da; SOUSA, Maria das Dores Ozório de. O tratamento da variação linguística em sala de aula: reflexões críticas sobre a prática docente. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 90–112, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671656>. Acesso em: 11 mai. 2024.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1994.

TEIXEIRA, Lucia; SOUSA, Silvia. Maria; FARIA, Karla.; PATTRESI, Nadja. **Apoema: língua portuguesa 6º ano**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2018a.

TEIXEIRA, Lucia; SOUSA, Silvia. Maria; FARIA, Karla.; PATTRESI, Nadja. **Apoema: língua portuguesa 7º ano**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2018b.

TEIXEIRA, Lucia; SOUSA, Silvia. Maria.; FARIA, Karla.; PATTRESI, Nadja. **Apoema: língua portuguesa 8º ano**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2018c.

TEIXEIRA, Lucia; SOUSA, Silvia. Maria.; FARIA, Karla.; PATTRESI, Nadja. **Apoema: língua portuguesa 9º ano**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2018d.